

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS –UEG
CAMPUS CORA CORALINA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA**

MARCOS CÉSAR LOPES

**ATLAS ESCOLAR MUNICIPAL: UM MATERIAL DIDÁTICO PARA O
ESTUDO DO ESPAÇO LOCAL NA GEOGRAFIA**

**GOIÁS
2024**

MARCOS CÉSAR LOPES

**ATLAS ESCOLAR MUNICIPAL: UM MATERIAL DIDÁTICO PARA O
ESTUDO DO ESPAÇO LOCAL NA GEOGRAFIA**

Dissertação apresentada ao Programa Pós-Graduação Stricto Sensu em Geografia, nível Mestrado, da Universidade Estadual de Goiás – Câmpus Cora Coralina.

Linha de Pesquisa: Análise Ambiental do Cerrado
Orientador: Dr. Diego Tarley Ferreira Nascimento

**GOIÁS
2024**

TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA PUBLICAÇÃO DE TESES E DISSERTAÇÕES NA BIBLIOTECA DIGITAL (BDTD)

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Estadual de Goiás a disponibilizar, gratuitamente, por meio da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/UEG), regulamentada pela Resolução, CsA nº 1.087/2019 sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei nº 9.610/1998, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data¹. Estando ciente que o conteúdo disponibilizado é de inteira responsabilidade do(a) autor(a).

Dados do autor (a)

Nome completo: **MARCOS CÉSAR LOPES**

Email: lopes.18@hotmail.com

Dados do trabalho

Título: **ATLAS ESCOLAR MUNICIPAL: UM MATERIAL DIDÁTICO PARA O ESTUDO DO ESPAÇO LOCAL NA GEOGRAFIA**

Tipo:

Tese Dissertação

Curso/Programa: PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA

Concorda com a liberação documento:

SIM NÃO

¹Período de embargo é de até um ano a partir da data de defesa.

Goiás, 17 de setembro de 2024

Assinatura autor(a)

Documento assinado digitalmente

gov.br

DIEGO TARLEY FERREIRA NASCIMENTO

Data: 17/09/2024 05:28:00-0300

Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

Assinatura do orientador(a)

CATALOGAÇÃO NA FONTE

Biblioteca Frei Simão Dorvi – UEG Câmpus Cora Coralina

L864a Lopes, Marcos César.

Atlas escolar municipal : um material didático para o estudo do espaço local na geografia [manuscrito] / Marcos César Lopes. – Goiás, GO, 2024.

70f. ; il.

Orientador: Prof. Dr. Diego Tarley Ferreira Nascimento.

Dissertação (Mestrado em Geografia) – Câmpus Cora Coralina, Universidade Estadual de Goiás, 2024.

1. Geografia - ensino. 1.1. Cartografia escolar. 1.1.1. Atlas escolar. 1.1.2. Alfabetização cartográfica. 1.1.3. Letramento cartográfico. 1.2. Lugar. I. Título. II. Universidade Estadual de Goiás, Câmpus Cora Coralina.

CDU: 912:528.9

Bibliotecária responsável: Marília Linhares Dias – CRB 1/2971

ANEXO VI FOLHA DE APROVAÇÃO

Encaminho à Coordenação do Programa de Pós-graduação *Stricto Sensu* em Geografia, a versão final da dissertação, intitulada “Atlas Escolar Municipal: um material didático para o estudo do espaço local na Geografia”, do pós-graduando Marcos César Lopes que esteve sob minha orientação durante o curso de Mestrado. Atesto que o trabalho foi aprovado pela banca examinadora e as correções aceitas foram incorporadas na versão final.

Goiás, 17 de setembro de 2024



Documento assinado digitalmente

DIEGO TARLEY FERREIRA NASCIMENTO

Data: 17/09/2024 05:16:36-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Assinatura do Orientador

MARCOS CÉSAR LOPES

**ATLAS ESCOLAR MUNICIPAL: UM MATERIAL PARA O ESTUDO DO ESPAÇO
LOCAL NA GEOGRAFIA**

Dissertação de mestrado apresentada no dia 30 do mês de agosto de 2024 ao Programa Pós-Graduação Stricto Sensu em Geografia, nível Mestrado, da Universidade Estadual de Goiás – Câmpus Goiás.

BANCA EXAMINADORA

**Dr. Diego Tarley Ferreira Nascimento
(orientador e presidente da banca)
PPGEO/UEG**

**Dra. Ana Carolina de Oliveira
(examinadora interno)
PPGEO/UEG**

**Dra. Míriam Aparecida Bueno
(examinadora externa)
UFG**

RESUMO

O Atlas Escolar Municipal não representa apenas uma coletânea de mapas prontos e acabados, mas sim uma organização sistemática de dados, informações e representações cartográficas e outras gráficas (tabulares e gráficos) para prover o ensino e a aprendizagem do espaço local. Nesse sentido, o presente trabalho visa demonstrar o potencial pedagógico do Atlas Escolar Municipal no estudo do espaço local, de vivência e do cotidiano do escolar. Os procedimentos metodológicos consistiram em constante revisão bibliográfica e consulta documental, especificamente em relação a Base Nacional Comum Curricular para verificação das possibilidades pedagógicas para o Atlas Escolar Municipal. A partir de revisão bibliográfica, entende-se o Atlas numa perspectiva pedagógica, uma vez que além do caráter descritivo, o material ainda envolve sugestões e propostas didáticas ao professor. Diante dos benefícios e das potencialidades da utilização pedagógica de Atlas Escolares Municipais no ensino e aprendizagem em Geografia, o material demonstra grande potencial ao contemplar as características históricas, demográficas, econômicas, ambientais e culturais do município, que muitas vezes não são contemplados em livros didáticos. Assim, o Atlas se apresenta como um oportuno material didático, a ser empregado desde os anos iniciais do Ensino Fundamental na perspectiva da alfabetização e letramento cartográfico, contribuindo para que estudantes, sob a mediação docente, possam raciocinar geograficamente sobre aspectos e fenômenos do espaço local (seu município), subsidiando futuras intervenções conscientes e críticas sobre a realidade espacial.

Palavras-chave: Ensino de Geografia. Cartografia Escolar. Lugar. Atlas Escolar.

ABSTRACT

The Municipal School Atlas is not just a collection of ready-made maps, but a systematic organization of data, information and cartographic and other graphic representations (tabular and graphical) to provide teaching and learning about the local space. In this sense, this work aims to demonstrate the pedagogical potential of the Municipal School Atlas in the study of the local space, where students live and their daily lives. The methodological procedures consisted of a constant bibliographical review and documentary consultation, specifically in relation to the National Common Curriculum Base to verify the pedagogical possibilities for the Municipal School Atlas. Based on the literature review, the Atlas is understood from a pedagogical perspective, since in addition to its descriptive nature, the material also involves suggestions and didactic proposals for teachers. Given the benefits and potential of the pedagogical use of Municipal School Atlases in teaching and learning Geography, the material shows great potential for covering the historical, demographic, economic, environmental and cultural characteristics of the municipality, which is often not covered in textbooks. As such, the Atlas is an opportune piece of teaching material to be used from the early years of elementary school onwards with a view to cartographic literacy, helping students, under teacher mediation, to be able to reason geographically in an aspect-based way

Key words: *Teaching Geography. School Cartography. Place.School Atlas.*

SUMÁRIO

| | |
|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|--------|
| INTRODUÇÃO | Pg. 8 |
| OBJETIVOS | Pg. 10 |
| Objetivo Geral | Pg. 10 |
| Objetivos Específicos | Pg. 10 |
| ESTRUTURA DA DISSERTAÇÃO | Pg. 10 |
| PERCURSO METODOLÓGICO | Pg. 11 |
| CAPÍTULO 1 – OS ATLAS ESCOLARES MUNICIPAIS NO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM EM GEOGRAFIA | p. 13 |
| 1.1 O escopo dos atlas escolares municipais | p. 13 |
| 1.2 Breve panorama histórico dos atlas escolares municipais | p. 16 |
| 1.3 O atlas escolar municipal no contexto da Geografia Escolar | p. 20 |
| 1.4 O estudo do espaço local dos escolares a partir dos Atlas Escolar Municipais | p. 29 |
| 1.5 A categoria lugar na ciência geográfica | p. 31 |
| CAPÍTULO 2 – A MEDIAÇÃO DIDÁTICA PARA O ESTUDO DO ESPAÇO LOCAL MEDIANTE O USO PEDAGÓGICO DO ATLAS ESCOLAR MUNICIPAL | p. 37 |
| 2.1 As possibilidades de ensino e aprendizagem do espaço local a partir de Atlas Escolares Municipais | p. 37 |
| 2.2 Orientações para o uso pedagógico de Atlas Escolares Municipais | p. 48 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS | p. 58 |
| REFERÊNCIAS | p. 60 |

INTRODUÇÃO

O Atlas Escolar Municipal se apresenta como uma proposta de não apenas representar uma coletânea de mapas prontos e acabados, mas sim uma organização sistemática de dados, informações e representações cartográficas e outras gráficas (tabulares e gráficos), para atender a uma finalidade intelectual específica: prover o ensino e a aprendizagem do espaço local (MARTINELLI, 2018).

Neste sentido, os Atlas Escolares Municipais constituem uma importante ferramenta que possibilita a compreensão do conteúdo de maneira mais clara, objetiva e dinâmica, voltando, especificamente, para o espaço local do escolar.

Diferente dos consagrados Atlas Escolares, muitas vezes voltados à escala nacional, os Atlas Escolares Municipais retratam o espaço local, de vivência, do cotidiano e de contato imediato dos estudantes. Nesse sentido, Meurer (2021, p. 4) salienta que o “Lugar, enquanto categoria de análise, está associado à identidade e ao pertencimento dos indivíduos ou grupos em sociedade”, dessa forma, esse instrumento pedagógico subsidia, além da localização e análise histórica, social, econômica e ambiental de seu município, a identidade e o sentimento de pertencimento ao espaço ao qual o estudante se encontra, interage e estabelece relações sociais e culturais, de maneira crítica e dinâmica.

A respeito dessa questão, vale lembrar que

O princípio básico que norteia todas as concepções dos Atlas Escolares Municipais é o fato de serem ‘centrados no aprendizado do estudante. O espaço municipal é o objeto de estudo, porém, não é o objeto do Atlas. O objetivo principal é a construção de conceitos, saber-fazer (habilidades) e competências em Geografia, por parte do estudante (LE SANN, 2001, p. 136).

Segundo Oliveira (2019), o Atlas Escolar Municipal é um recurso que possibilita auxiliar para a iniciação cartográfica, isto é, constitui-se nos primeiros contatos do estudante com o conhecimento geográfico através de suas formas de representação. Todavia, Machado-Hess (2016, p. 132) ressalta que “os atlas escolares municipais, como qualquer outro recurso didático, precisa respeitar a idade/série de cada discente, e assim, apresentar um conteúdo diversificado,”. Portanto, espera-se que este material seja concebido, organizado e empregado de forma apropriada ao público-alvo, e atendendo as expectativas de aprendizagem e a realidade local.

Assim, enquanto categoria de análise geográfica,

Lugar torna-se fundamental por possibilitar a compreensão da complexidade do mundo a partir da prática e das vivências simbólicas, culturais, de produção e de reprodução que se estabelecem nas relações sociais. É a partir do lugar que os sujeitos conseguem estabelecer conexões com o espaço vivido, entender os fenômenos históricos e agir sobre a realidade social (MEURER, 2001, p. 5).

Ainda sobre essa questão, Fortuna (2017) destaca que o Atlas Escolar Municipal é imprescindível atender a requisitos pedagógicos, no sentido de ter o cuidado para não tornar exclusivamente um produto informativo, portanto, desvinculado da realidade e incapaz de despertar a atenção e interesse dos estudantes. Talvez por essa razão que grande parte dos materiais didáticos “não consegue alcançar as expectativas dos estudantes e professores” sendo, portanto, “umas das principais razões para a não utilização no contexto educacional” (AZEVEDO, 2012, p. 52). Por tal motivo, o Atlas Escolar Municipal há a eventualidade prover a sinergia entre ludicidade e pedagogia.

O Atlas Escolar Municipal dispõe, em si, de características que potencializam o processo ensino-aprendizagem, tendo um potencial de ultrapassar as expectativas de aprendizagens. Uma característica primordial do Atlas Escolar Municipal é a propriedade de aprendizagem em contexto, isto é, a partir de uma situação geográfica para organização e interpretação da realidade socioespacial (AZAMBUJA, 2020), estabelecendo com que o estudante crie uma vivência em torno de sua aprendizagem, “permitindo um conhecimento que se constrói de forma prazerosa e de forma efetiva” (ALMEIDA, 2003, p. 150).

Outra característica intrínseca ao Atlas Escolar Municipal é a aprendizagem tangencial, “Referente a capacidade que esse tem de ensinar, sem ter a intenção de ser educativo”, isto é, “um Atlas que não foi criado para ser educacional igualmente transmitem informações que poderá ser trabalhado para transformar em conhecimento” (AGUIAR, 2012, p. 260).

Diante dos benefícios e das potencialidades da utilização pedagógica de Atlas Escolares Municipais no ensino e aprendizagem em Geografia, como material capaz de contemplar as características demográficas, físicas, sociais, ambientais e culturais do município, várias iniciativas de concepção, elaboração e avaliação destes materiais constam na literatura, conforme verificado em Le Sann (1995), Silva (2001), Almeida (2003), Lima et al., (2007), Lastoria (2008), Bueno e Pinheiro (2016), Bueno e

Rigonato (2016), Santos, Nascimento e Bueno (2016) e Bueno e Ribeiro (2015) – dentre tantos outros.

OBJETIVOS

Objetivo Geral

Contribuir com o estudo do espaço local, de vivência e do cotidiano do escolar a partir do Atlas Escolares Municipais, no sentido de compreenderem como recursos didáticos para o processo de ensino e aprendizagem em Geografia ao longo da Educação Básica, especificamente, no contexto do Ensino Fundamental.

Objetivos específicos

Como objetivos específicos, têm-se:

- Averiguar a partir de revisão de literatura, o escopo, o conceito, o histórico e exemplos de Atlas Escolares Municipais;
- Destacar a Base Nacional Comum Curricular e elencar as habilidades relacionadas ao componente curricular Geografia, passíveis de serem desenvolvidas com o apoio de Atlas Escolares Municipais;
- Avaliar o potencial didático do material e apontar orientações pedagógicas para o estudo do espaço local a partir do seu uso.

ESTRUTURA DA DISSERTAÇÃO

A dissertação de mestrado se estrutura, logo após essa breve introdução, na forma de dois capítulos. No primeiro, consta a revisão de literatura e a construção do referencial teórico, abarcando o escopo e alguns exemplos de Atlas Escolares Municipais, o estudo do espaço local dos escolares e o lugar enquanto categoria de análise geográfica. O segundo capítulo compreende uma discussão e reflexão acerca do uso do Atlas Escolar Municipal, a partir de uma ótica pedagógica, com recomendações e orientações a respeito de uma mais adequada mediação didática com uso desse material como instrumento didático para o estudo do espaço local. Por fim, apresenta-se o tópico de considerações finais, com os resultados, dificuldades e encaminhamentos da pesquisa, que é seguido pelas referências.

PERCURSO METODOLÓGICO

Este estudo é pautado na abordagem qualitativa, sob a premissa de Zanete (2017, p. 82) ao frisar que “na investigação qualitativa em educação, o investigador comportasse mais de acordo com o viajante que planeja do que com aquele que o faz meticulosamente”.

A investigação consistiu, principalmente, em pesquisa bibliográfica. Segundo Cervo, Bervian e da Silva (2007, p. 61), a pesquisa bibliográfica “constitui o procedimento básico para os estudos monográficos, pelos quais se busca o domínio do estado da arte sobre determinado tema”. No caso da presente dissertação, essa atividade compreendeu um levantamento de trabalhos na perspectiva do escopo dos atlas escolares municipais Abreu (2004); Martinelli (2008); Pereira et al, (2013); Bueno et al, (2015); Santos e Guedes (2019), das metodologias para a construção de Le Sann, (2001, 2009); Bueno (2005, 2008, 2018) e do emprego dos mesmos no processo de ensino e aprendizagem em Geografia Le Sann (2009) e Honda (2017). Paralelamente à essa a revisão bibliográfica, procedeu-se ao levantamento e consulta de alguns atlas escolares municipais já produzidos, para exemplificação.

Pelo caráter da pesquisa, fez-se necessário aprofundar a revisão de literatura para o contexto do ensino de Geografia, da Cartografia Escolar e da Alfabetização Cartográfica, assim como do estudo do espaço local e do lugar enquanto categoria de análise inerente à ciência geográfica.

A etapa seguinte compreendeu, a partir da consulta e análise do documento de referência curricular nacional, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) para o Ensino Fundamental (BRASIL, 2017). Deu-se maior ênfase a Componente Curricular Geografia, em relação à compreensão dos princípios do raciocínio geográfico (analogia, conexão, diferenciação, distribuição, extensão, localização e ordem), dos conceitos principais (território, lugar, região, natureza e paisagem), das unidades temáticas (“o sujeito e seu lugar no mundo”, “conexões e escalas,” “mundo do trabalho”, “formas de representação e pensamento espacial” e “natureza, ambientes e qualidade de vida”), das competências específicas e habilidades sugeridas a partir dos objetos de conhecimento passíveis de serem abordadas em sala de aula com intermédio do Atlas Escolar Municipal.

Por fim, tendo em vista o viés também propositivo, buscou-se evidenciar como um Atlas Escolar Municipal pode contribuir com o processo de ensino e aprendizagem

em Geografia, no que diz respeito ao estudo do espaço local dos escolares, a partir de reflexões e sugestões para a mediação didática.

CAPÍTULO 1 - OS ATLAS ESCOLARES MUNICIPAIS NO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM EM GEOGRAFIA

No presente tópico é apresentada a revisão de literatura, compreendendo, inicialmente, uma discussão que retrata a proposta dos atlas escolares municipais, com base nas principais referências da área, tais como Le Sann (1995), Almeida (2001; 2003), Martinelli (2018) e Oliveira (2019), dentre outros. Logo na sequência, são expostos alguns exemplos de atlas escolares municipais, destacando, sobretudo, a estrutura e os conteúdos e temas contemplados em seu interior. Em seguida é abordado, com maior ênfase, o escopo do atlas escolares municipais no processo de ensino e aprendizagem em Geografia. Esse tópico é complementado, a seguir, com uma breve discussão acerca de como os atlas escolares contribui com o estudo do lugar de vivência dos escolares. Por fim, é retratado o lugar enquanto categoria de análise geográfica utilizada na presente pesquisa.

1.1 O escopo dos Atlas Escolares Municipais

O Atlas Escolar Municipal tem potencial de ser compreendido como um recurso didático que emprega diferentes linguagens, como textos, mapas, tabelas, gráficos e fotografias. Dessa forma, há uma nítida diferença com relação aos usuais atlas, ou também denominados como atlas geográficos, uma vez que esses se baseiam essencialmente em uma coleção de mapas. Segundo Le Sann (1997, p. 33), o atlas é capaz de ser definido como um conjunto “de documentos interligados e complementares visando um mesmo objetivo: o conhecimento do espaço. Esse conhecimento passa, obrigatoriamente, pela ação do leitor.”

Segundo Le Sann (2011), os Atlas Escolares Municipais são relevantes materiais didáticos de apoio para o ensino da disciplina Geografia na educação básica. Diferente dos atuais atlas comercializados pelo mercado editorial (comum ou didático), os Atlas Escolares Municipais se destacarem por ser um instrumento preocupado com as questões pedagógicas do componente curricular Geografia e por retratar a escala de dimensão do vivido, dos lugares que são cartograficamente representados pelos sujeitos que lá estão. Os conteúdos geográficos e a escala local do município são apresentados por meio de uma linguagem cartográfica adequada à faixa etária destinada.

Analisando o público ao qual se destina o Atlas, Lima (2013, p. 7) afirma que “o objetivo principal do Atlas Escolar Municipal é promover a identidade e o pertencimento através do conhecimento sobre o lugar”. Dessa forma, o Atlas Escolar Municipal visa propiciar aos estudantes dados e informações voltados ao seu município de residência, contemplando temáticas diversas. Assim, o Atlas Escolar Municipal geralmente retrata a economia, a população, a história, a cultura e as características físicas e naturais do município, de modo a auxiliar o estudante a perceber o espaço empiricamente vivenciado (AGUIAR, 2017), melhor entendê-lo, para então ter capacidade de nele interagir, conforme preconizado pela Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2018).

Nesse contexto, Martinelli (2018, p. 24) afirma que “os mapas não seriam vistos como tradicionalmente se faz, como meras figuras ilustrativas dos textos didáticos”, e sim como “representações reveladoras de questões que serão abordadas e discutidas nos discursos geográficos, dando chance a uma reflexão crítica e consciente”.

Almeida (2003) complementa que o Atlas Escolar Municipal constitui um subsídio essencial para o ensino e aprendizagem do espaço local do escolar, por proverem dados e informações que geralmente não estão presentes em livros didáticos.

De toda forma, são sugeridas intervenções necessárias por parte do professor, no intuito que o estudante perceba a importância de serem instrumentalizados para a elaboração e utilização de mapas, desde as séries iniciais da Educação Básica.

Sobre essa questão, Oliveira (1978) destaca que apenas um estudante mapeador se tornará também um leitor de mapas. Vários autores convergem no entendimento de que, inicialmente, é necessário ser realizado o ensino “do” mapa, que compreende a construção de noções espaciais e de habilidade para a representação desse espaço, inclusive a partir da proposta de mapas mentais. Na sequência, deve-se prover o ensino “pelo” mapa, a partir do desenvolvimento de habilidades para leitura dos mapas, entendendo o mesmo como um meio de comunicação Simielli (1986); Martinelli (1998); Almeida (2003); Passini (1999); Martinelli (1998; 2008).

Oliveira (2019) corrobora com o entendimento de que o Atlas Escolar Municipal é um recurso que consegue auxiliar a alfabetização cartográfica, sobretudo por constituir-se nos primeiros contatos do discente com o conhecimento geográfico

através de suas formas de representação, especialmente por intermédio de mapas. Machado-Hess (2012, p. 222) afirma que “os atlas escolares, como qualquer outro recurso didático, necessita respeitar a idade/série de cada discente, e assim, apresentar um conteúdo diversificado,” organizado de forma apropriada, podendo ser explorado e aproveitado nas diferentes fases da Educação Básica.

Neste sentido, os mapas e demais informações presente no Atlas Escolar Municipal precisa ser redigida de forma simples, para que os estudantes compreendam o conteúdo necessário em relação ao planejado pelos professores. Logo, os conteúdos inapropriados à idade/série, ou de abrangência muito complexa, provocam conflitos múltiplos no processo de ensino e aprendizagem, inclusive o antagonismo entre estudantes e disciplinas (FRANÇA JUNIOR; ZUCCHI, 2013).

De acordo com Lima (2013), o Atlas Escolar Municipal é um material de auxílio para professores de Geografia que contempla o contexto municipal, cabendo a mediação didática para expansão, representação e escala regional, nacional e global, possibilitando o desenvolvimento de concepções e comparações escalares.

Outro aspecto inerente ao Atlas Escolar Municipal é que esse material também destina-se a buscar “as identidades, as percepções e os significados do estudante sobre o entendimento da sua realidade, é (re)construir o ambiente escolar” (KENSKI, 2017, p. 85), abarcando conhecimentos escolares e científicos conforme às experiências individuais dos estudantes, possibilitando a compreensão com os olhares empíricos do lugar, mas também expandido para uma escala geográfica mais ampla: regional, nacional e global.

Neste sentido, o Atlas Escolar Municipal possibilita o estudo desde a utilização do manejo do solo, dos recursos hídricos, da vegetação e também das questões ambientais, das fontes de energia, da formação do relevo, dos fatores locacionais do sistema produtivo, das redes de transporte, das questões culturais, ou melhor, todos os temas específicos do componente curricular de Geografia, podendo ser um recurso pedagógico “incentivador que adicionadas às aulas expositivas tornam-se uma nova estratégia de dinamização didática” (LOCH, 2016, p. 54).

Em síntese, compreende-se que o Atlas Escolar Municipal possa despertar o interesse do escolar para com o Componente Curricular de Geografia, iniciando a formação de um cidadão crítico, atendendo, sobretudo, a compreensão do espaço local, mas também subsidiando o trabalho multiescalar. De mesma forma, esse material voltar para a prática docente, no sentido de que o professor não enxergue o

escolar simplesmente como mero receptor de conteúdos, mas é primordial considerar sua realidade e conhecimentos prévios como algo crucial no processo ensino-aprendizagem. (LOCH, 2016)

Assim, a proposta de produção de um Atlas Escolar Municipal representa um importante recurso ao processo de ensino e aprendizagem, especialmente voltado para a Educação Básica – mas que abranger outro público-alvo, como toda comunidade residente no município. A respeito ainda do escopo pedagógico, vale frisar que o Atlas Escolar Municipal está também pautado na Base Nacional Comum Curricular, com destaque para atender e contemplar as especificidades locais, do município do escolar, permitindo relações pedagógicas entre o conhecimento e a prática cotidiana dos estudantes.

Lastória (2007, p. 92) assegura que “o trabalho com o atlas gera, no contexto escolar, processos de ensino e aprendizagem motivadores já que tratam de problemáticas locais vivenciados pelos professores e estudantes”. Assim, a relevância acerca do debate em torno da proposta dos atlas escolares no âmbito das políticas curriculares é indiscutível para a prática de ensino e aprendizagem em Geografia.

1.2 Breve panorama histórico dos atlas escolares municipais

A concepção dos Atlas Escolares Municipais é mais especificamente, a de Atlas Escolares Municipais é muito ampla, se considerarmos a origem e a diversidade destes materiais no Brasil. Aguiar (1997) salienta a produção de Atlas voltados para o ensino começou a partir do século XIX, quando a Geografia foi incluída nos currículos escolares. Desde o início, o uso de Atlas Escolares foi relacionado especificamente à Geografia, enquanto disciplina.

Para Felbeque (2001), as renovações nos currículos e nos programas de Geografia influenciam no surgimento de novos tipos de Atlas Escolares. Le Sann (2001) também reforça que os elementos da Cartografia estão presentes nos programas de Geografia do ensino fundamental e que as mudanças nos programas escolares desta ciência, passaram a valorizar o aprendizado de habilidades para aquisição de competências específicas.

A ideia de partir do estudo das localidades no ensino de Geografia fez surgir alguns novos materiais escolares. Dentre estes, figuram alguns Atlas diferenciados, ou seja, Atlas que não possuem como prioridade a representação de todas as partes da Terra. Almeida (2001) destaca que até o século XVIII predominavam os Atlas

universais (que abordavam todos os continentes do planeta) e que os Atlas regionais passaram a ser produzidos, no final do século XX, quando era necessário um conhecimento mais aprofundado dos territórios.

Aguiar (apud ALMEIDA, 2001) coloca que no Brasil, o primeiro Atlas Escolar publicado foi o de Candido Mendes de Almeida, em 1868. Este era composto por mapas políticos para que as fronteiras do Império pudessem ser conhecidas e estudadas por todos.

Os Atlas Escolares Municipais começaram a surgir mais recentemente. Eles são diferentes dos Atlas escolares convencionais que, segundo Almeida (2001), restringem-se a apresentar mapas de abrangência regional ou mundial. A sua origem está ligada à necessidade de materiais didáticos que apresentassem representações espaciais em escalas maiores, ou seja, que permitem um maior detalhamento do uso e ocupação do solo. Almeida (2001) destaca que há uma demanda crescente por materiais didáticos sobre o espaço local, porque os materiais didáticos disponíveis não retratam o lugar onde o estudante vive e, sim, adotam um 'local padrão' para representar todas as localidades do país.

Neste contexto, os Atlas Escolares Municipais são concebidos como materiais didáticos que focalizam os temas mais importantes de um município. Estes são apresentados em forma de textos, fotos, imagens de satélites, mapas monotemáticos ou com tipologias determinadas etc. Segundo Bueno (2008, p. 02) os Atlas Escolares Municipais “faziam parte de um projeto de pesquisa mais amplo, coordenado pela pesquisadora Janine Le Sann, que buscava desenvolver esse tipo de material curricular para municípios do Vale do Jequitinhonha/MG”

O projeto “Atlas Escolares Municipais” teve início em 1996, no Instituto de Geociências da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), com auxílio do FINEP (Financiamento de Estudos de Projetos e Programas). Numa primeira fase, a equipe da UFMG elaborou atlas de alguns municípios do Alto Vale do Jequitinhonha, juntamente com alunos da graduação e do mestrado em Geografia, entre eles o de Gouveia, com o qual eu começara a trabalhar. A partir de 2001, o projeto entrou numa segunda fase. Como a demanda para materiais dessa natureza vinha crescendo, a equipe de pesquisadores do projeto propôs, aos representantes dos municípios do Médio Jequitinhonha, uma parceria para a realização do trabalho. (BUENO, 2008, p. 02)

A pesquisadora Janine Gisèle Le Sann, coordenadora e autora de vários Atlas Escolares Municipais no Brasil, apresenta sua concepção sobre eles, do seguinte modo:

O princípio básico que norteia todas as concepções dos Atlas Escolares Municipais é o fato de serem 'centrados no aprendizado do aluno. O espaço municipal é o objeto de estudo, porém, não é o objeto do Atlas. O objetivo principal é a construção de conceitos, saber-fazer (habilidades) e competências em Geografia, por parte do aluno (LE SANN, 2001, p. 136).

Almeida (2001) destaca que as funções dos Atlas Escolares Municipais se baseiam no fornecimento de informação, apresentação de mapas atraentes e de fácil entendimento. Assim os Atlas Escolares Municipais precisam possuírem um estilo simplificado no qual se possa evidenciar as feições principais da paisagem física e humana. Ainda, é necessário considerar o grau de ensino a que se destina.

Compreende que os Atlas Escolares Municipais se destinam a apresentar aspectos de uma dada localidade através de uma linguagem acessível a uma certa população escolar. Almeida (2001) enfatiza que eles não devem ser produzidos apenas por especialistas, mas sim por uma equipe que envolva os professores, já que o conhecimento de como os estudantes aprendem, como os professores ensinam, como as práticas pedagógicas se desenvolvem, como as rotinas das escolas se constituem são de importância fundamental para as representações do conhecimento que carecem estar contempladas nos Atlas.

A produção de Atlas Escolares Municipais é recente no Brasil. O primeiro Atlas Escolar Municipal (elaborado sob a coordenação da professora Helena Callai) foi lançado em 1994, em Ijuí, no Rio Grande do Sul. Outros exemplos desta produção são os Atlas Escolares Municipais publicados a partir da década de 90, sob a coordenação de Janine Gisele Le Sann (para os municípios mineiros de Contagem, Gouveia, São Gonçalo do Rio Preto, Santo Antônio do Itambé, Pedro Leopoldo, Brumadinho, Padre Paraíso, Lagoa da Prata, Carlos Chagas, Carbonita).

No ano 2000 e 2002, vários outros Atlas Escolares Municipais foram lançados. Alguns deles são: o Atlas coordenado pela professora Valéria T. Aguiar (para o município de Juiz de Fora - MG), o Atlas desenvolvido pela prefeitura do Rio de Janeiro (sobre a cidade do Rio de Janeiro - RJ), e os Atlas Geográfico Histórico Ambiental de Limeira – SP, Ipeúna - SP e Rio Claro - SP (todos coordenados pela professora Rosângela Doin de Almeida).

Segundo Melo (2006) diversos pesquisadores passaram a se preocupar com a questão dos Atlas Geográfico Escolar de Município. Entre eles se destacam Le Sann e Almeida. Estes pesquisadores disseminaram e motivaram a produção de diversos

trabalhos sobre o tema, entre eles, dissertações e teses. Iniciou-se, então, uma nova etapa na Cartografia Escolar. Os Atlas Escolares Municipais propostos traziam em seu bojo a ideia de valorizar o local de estudo, ou seja, cada Município se veria detalhado no Atlas, tornando o ensino e a aprendizagem da Geografia mais próximo da realidade do estudante (MELO, 2006).

Na literatura encontra-se um gama de pesquisas a respeito de Atlas Escolares Municipais, desde a concepção, assim como relatos acerca da elaboração e avaliação desse material. Bueno (2005) afirma que:

Atlas escolares têm sido objeto de inúmeras pesquisas, não somente no Brasil, mas também em outros países, conforme pode-se observar no I Simpósio Ibero Americano de Cartografia para Crianças, realizado em 2002, no Rio de Janeiro, sob a coordenação da Profa. Tomoko Yida Paganelli, da Universidade Federal Fluminense. (BUENO, 2005, p. 146)

A autora cita ainda outros eventos, como o Colóquio Anual do Grupo de Trabalho da Associação Internacional de Cartografia, que foi realizado em Diamantina-MG, com o tema “Cartografia para Escolares no Brasil e no Mundo”. Esse evento teve a participação da Profa. Janine Le Sann, como coordenadora, e contou com a presença de vários pesquisadores de diversos países, os quais apresentaram seus trabalhos, também, na linha de atlas escolares municipais.

No ano de 1990, a pesquisadora Janine Le Sann iniciou, no Brasil, a coordenação, orientação e elaboração de Atlas Escolares Municipais no estado de Minas Gerais, tendo como foco municípios mineiros do Vale do Jequitinhonha/MG, com o objetivo de contribuir com o processo de ensino-aprendizagem de Geografia nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental. A metodologia empregada na elaboração desses Atlas propagou-se e tornou uma referência nos estudos da Cartografia Escolar, principalmente no que diz respeito ao estudo do lugar.

A partir desse contexto, diversos Atlas Escolares Municipais têm sido elaborados, em escala municipal, mas também estadual, provendo o estudo do lugar. Em relação ao Estado de Goiás, a professora doutora Míriam Aparecida Bueno é referência na elaboração de Atlas Escolares Municipais, inclusive, tendo coordenado um projeto de pesquisa desde 2009, intitulado “O estudo do espaço local e sua representação a partir de atlas escolares no Brasil e em Moçambique”, que compreendeu a elaboração de Atlas Escolares Municipais em outras localidades do

Brasil e em Moçambique. Um relato desse projeto é apresentado em Bueno, Buque e Radtke (2021).

Assim, diversos municípios goianos foram contemplados com a produção de atlas escolares municipais, dentre eles estão Trindade Bueno; Silva, (2013), Goianira Bueno (2015), Senador Canedo Bueno (2015), Goiânia Bueno *et al.*, (2016), Anápolis Bueno *et al.*, (2017), Campos Verdes Bueno (2018), Pirenópolis Bueno; Curado, (2018) e Iporá Nascimento; Bueno (2019).

Além desses municípios, outros, de diferentes estados brasileiros, também tiveram atlas desenvolvidos pela pesquisadora Míriam Aparecida Bueno, tais como: Sena Madureira-AC Silva (2001), Ipojuca/PE Bueno; Pinheiro (2016), Bom Jesus da Lapa/BA Bueno; Rigonato (2016), João Pessoa/PB (BUENO *et al.*, 2017). Todavia, outros pesquisadores também se debruçaram na proposta de elaboração de Atlas Escolares Municipais, compreendendo os municípios de Limeira-SP Almeida (2003), Rio Claro-SP e Ipeúna-SP Almeida, (2003), Uberlândia-MG Lima *et al.*, (2007), Ribeirão Preto-SP Lastoria (2008), e Santo Antônio de Jesus-BA Silva (2022).

Além dos atlas municipais anteriormente citados, também constam alguns atlas escolares na escala estadual e distrital, tais como o de Goiás Santos; Nascimento; Bueno (2016), do Tocantins Ribeiro; Bueno (2016) e do Distrito Federal Bueno *et al.*, (2019), todavia, por não compreenderem o espaço local do estudante, e sim a escala regional, tais atlas não compreenderão o escopo de discussão dessa pesquisa.

A expectativa é de ampliar a elaboração desse tipo de material didático, tendo em vista a pertinência e contribuição com as práticas pedagógicas, sobretudo, por compreender um material que complementa o livro didático.

1.3 O Atlas Escolar Municipal no contexto da Geografia Escolar

Na Geografia Escolar, como também no caso de outras componentes curriculares, se provém o conhecimento e os princípios, conceitos e categorias da ciência geográfica. Tais elementos propiciam uma fundamentação teórica e metodológica fundamental para percepção do mundo real, a partir do aspecto espacial. Nesse sentido, a aprendizagem para a leitura espacial pelos estudantes permite desenvolver, mesmo que inicialmente, a formulação de indagações, o processamento de evidências e a elaboração de explicações. Ao mesmo tempo em que o estudante realiza a leitura do espaço, reconhece seu cotidiano mais próximo.

O espaço enquanto uma rede de conceitos o qual permite atribuir e identificar identidades próprias, que permite refletir a despeito do que devemos ser no mundo. Callai (2002) atribui grande importância ao estudo do lugar. Segundo a autora, o local é a escala espacial que possibilitara desencadear as abordagens conceituais de Geografia, em especial nos anos iniciais a partir do local/lugar, pois:

Estuda-lo é fundamental, pois ao mesmo tempo que o mundo é global, as coisas da vida, as relações sociais se concretizam nos lugares específicos. E como tal a compreensão da realidade do mundo atual se dá a partir dos novos significados que assume a dimensão do espaço local. (CALLAI, 2003, p. 84).

A construção e contextualização desses conhecimentos torna-os valiosos e desafiadores os estudantes, levando-as a perceberem que as pessoas, os lugares, as ações, as emoções e os sentimentos marcam uma existência no espaço, que se transformam com o tempo. A constituição que assume o espaço geográfico nas variadas escalas revela por quais acontecimentos ele passou (CALLAI, 2005).

Assim, Callai (2002) afirma que o estudo das características de um lugar, considerando as diferentes escalas de análise, promove o desenvolvimento de habilidades específicas associadas à construção de novos conceitos. Deste modo a autora relata que:

O estudante, ao ler o espaço, desencadeia-se o processo de conhecimento da realidade que é vivida cotidianamente. Constrói-se o conceito, que é uma abstração da realidade em si, a partir da compreensão do lugar concreto, de onde se extraem elementos para pensar o mundo (ao construir a nossa história e o nosso espaço). Nesse caminho, ao observar o lugar específico e confrontá-lo com outros lugares, tem início o processo de abstração que se assenta entre o real aparente, visível, perceptível e o concreto pensado na elaboração do que está sendo vivido. (Callai, 2005: p. 241)

Callai (2017) complementa que, às vezes, ficamos deslumbrados por paisagens distantes, nos importamos com acontecimentos de lugares distantes e exóticos, mas não sabemos o que está acontecendo no lugar onde vivemos – apesar de todo o potencial de trabalho pedagógico. Logo, independente da escala, é possível investigar os processos naturais, sociais, políticos, econômicos e culturais, sendo estruturados e/ou produzidos por diferentes aspectos e agentes sociais.

A Geografia Escolar representa um campo do saber importantíssimo para entender a realidade na qual o estudante se insere, pois auxilia a construção de conceitos e conhecimentos sobre sua realidade espacial, do local ao global.

Neste sentido, a noção de espacialidade é construída gradativamente, conforme o desenvolvimento da capacidade cognitiva de locomoção e percepção do espaço. Conforme apontado por Almeida e Passini (2015, p. 26), o desenvolvimento da noção de espaço ocorre “do vivido ao percebido e deste ao concebido”. O primeiro (espaço vivido) refere-se ao “espaço físico, vivenciado através do movimento e deslocamento”, asseveram as autoras quando o espaço passa a ser experimentado não apenas fisicamente e pela interação, isto é, quando o estudante é capaz de lembrar-se do espaço percorrido por meio de suas práticas espaciais, se dá a compreensão do espaço percebido – geralmente após os 6 anos. Por sua vez, por volta das 11 e 12 anos, o estudante estabelece maior capacidade de abstração, quando então desenvolve a capacidade de percepção e compreensão de um local que nunca vivenciou ou percorreu, por exemplo, por meio da visualização de uma imagem ou mapa.

Nessa perspectiva, o professor tem o papel de orientar os estudantes a se colocarem como sujeito em busca e no desenvolvimento do conhecimento, nesse viés, ele (o professor) é responsável pela mediação no processo de ensino e aprendizagem.

Caminhando nessa linha de pensamento, a Cartografia Escolar dará contribuições significativas para o ensino de Geografia. Concorde-se com Souza (2001, p. 33), ao afirmar que o “entendimento do mapa como meio de comunicação de diversas realidades territorializadas ou como linguagem utilizada no ensino de Geografia conseguido também auxiliar em nossas reflexões sobre a função deste último”, que consiste na “compreensão do espaço geográfico ou no entendimento e desvelamento da lógica da distribuição e diferencialidade territorial dos fenômenos”.

O Atlas Escolar Municipal se apresenta como ferramenta didático pedagógico que possibilita uma abordagem diversificada das temáticas e dos métodos de ensinar e aprender Geografia, tendo a finalidade de trazer informações de conteúdos físico-naturais, sociais, políticos, econômicos, culturais e ambientais. Assim, o Atlas Escolar Municipal possibilitará a leitura e compreensão do espaço geográfico, proporcionando ao estudante as ferramentas necessárias para interpretar e analisar o espaço que vivencia.

Nesse sentido, o Atlas Escolar Municipal apresenta-se, a priori, como um instrumento de exploração do espaço local de um dado município, tendo em vista que por meio dele pode-se conduzir à compreensão da cidadania como participação social

e política, pois o estudante é levado a perceber as relações existentes da sua localidade. Logo, o Atlas Escolar Municipal está ancorado na Cartografia Escolar e pode contribuir para a alfabetização cartográfica e o desenvolvimento do raciocínio geográfico, além de contribuir para que o estudante compreenda a situação socioeconômica como previsto na Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

Também, compreende-se a Cartografia não apenas como técnica de representação de mundo, mas como um meio de comunicação e linguagem. Portanto, a linguagem cartográfica se estrutura por meio de símbolos e signos, sendo compreendida como resultado da comunicação visual que transmite a informação espacial. A representação gerada ocorre a partir de um alfabeto cartográfico, constituído por ponto, linha e área, pois aparecem em todos os tipos de representação. Dessa forma, para o estudante realizar a leitura da representação, é preciso que ele entenda a relação entre significante e significado, dominando os códigos (ALMEIDA, 2011).

Considerando os vários aspectos sobre o uso do Atlas Escolar Municipal para ensinar e aprender Geografia, é categórico pensar e ponderar quatro aspectos categóricos: por que ensinar com os Atlas? Como ensinar com o Atlas? O que ensinar com o Atlas? A quem ensinar com o Atlas? Nesse sentido, é preciso evidenciar o que se espera com essas indagações, para que o estudante seja capaz de fazer uma leitura de mundo a partir de suas aprendizagens por meio do ensino de Geografia, desenvolvendo um pensamento espacial e um raciocínio geográfico (BNCC, 2018).

Cabe destacar que, conforme apontado por Duarte (2016), o pensamento espacial é fundamental para as práticas sociais, sendo ele um tipo de pensamento, que consegue ser utilizado como um veículo para estruturar problemas e encontrar respostas.

É comum considerar que o pensar espacialmente é uma capacidade específica da Geografia, por se tratar de habilidades geoespaciais, conforme sinaliza Duarte (2016). Porém, outras ciências também possuem essa competência, que exige o domínio do espaço, tais como: biologia, psicologia, engenharia, educação física e muitas outras. Portanto, é uma habilidade interdisciplinar.

Dessa forma, define-se que o pensamento espacial é fundamentado em três pilares, os quais compreendem conceitos espaciais, formas de representação e processos do raciocínio (JO; BEDNARZ, 2009). Sendo assim, o indivíduo adquire a capacidade de entender os fenômenos e os processos espaciais que ocorrem a sua

volta, conseguindo entender de maneira mais fácil os instrumentos cartográficos e, também, obtendo habilidades que promovem o raciocínio geográfico.

Duarte (2017) destaca, nesse sentido, que o ensino da Cartografia se torna fundamental para o desenvolvimento deste tipo de pensamento no momento em que as representações espaciais, um dos elementos que fazem parte do pensamento espacial, são particularmente imprescindíveis para mobilizar esse pensamento. Neste sentido o pensamento espacial está relacionado aos processos cognitivos e ao desenvolvimento da inteligência espacial, e se trabalhado no contexto da didática da Geografia a partir de um enfoque construtivista, ele contribui para o desenvolvimento do raciocínio geográfico.

Por sua vez, o raciocínio geográfico, segundo Silva (2021), é entendido como uma forma de pensar inerente à Geografia, permite compreender por que as coisas estão onde estão, por que um dado fenômeno ocorre e como ocorre em uma dada localidade.

No processo de ensino-aprendizagem da Geografia Escolar, entende-se como de suma importância a construção do raciocínio geográfico do estudante, de modo que ele seja capaz de perceber e interpretar as transformações ocorridas no espaço, por meio da relação entre a sociedade e natureza, em diferentes escalas e óticas. Dessa forma, assegurar ao estudante o domínio de conceitos geográficos (lugar, território, paisagem e região).

De mesma forma, o ensino de Geografia está norteado na perspectiva de formação de um cidadão crítico, participativo, democrático e eticamente responsável, priorizando a construção de uma consciência do sujeito, conduzindo para uma melhor qualidade social e ambiental em dimensão local e global.

Dessa forma, a Geografia Escolar no Ensino Fundamental tem o papel de “alfabetizar cartograficamente os estudantes dentro de uma perspectiva de visão espacialmente nas diversas escalas geográficas”, oferecendo as “condições suficientes para desenvolver a compreensão dos conceitos geográficos de espaço, paisagem, lugar, região e território” (BRASIL, 2018, p. 351). Assim, a Geografia Escolar oferece a oportunidade do estudante compreender o mundo em que se vive e suas relações espaciais, de modo que os estudantes sejam estimulados a pensar espacialmente, desenvolvendo o raciocínio geográfico. Neste sentido, é importantíssimo que os estudantes sejam exercitados a pensar, refletir e resolver os problemas gerados na vida cotidiana (BRASIL, 2018).

Conforme exposto na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), o raciocínio geográfico consiste em um conjunto de princípios, habilidades e conhecimentos que são capazes de mediar a aprendizagem do estudante no sentido do mesmo possa compreender os aspectos que se materializam em sua realidade, identificando as relações existentes e que influenciam as transformações naturais, sociais, econômicas. Para compreender os fenômenos e processos, no espaço, os estudantes são munidos de princípios, como analogia, conexão, diferenciação, distribuição, extensão e localização.

Dessa forma, a educação geográfica mobilizar uma consciência espacial capaz de interpretar e explicar o mundo, principalmente quando subsidiada por práticas com as contribuições dos princípios geográficos, que contribuem para uma formação sólida e significativa dos conhecimentos geográficos. Ainda, essa perspectiva ajuda a vislumbrar a formação da consciência espacial-cidadã do estudante, enquanto cidadão crítico capaz de atuar e participar ativamente nos espaços de vida.

Nesse sentido, evidencia-se a importância, no processo educativo, de um conhecimento geográfico que possibilite ao educando situar-se espacialmente. Todavia, não apenas no sentido locacional, mas implicando a necessidade de compreensão da condição e dinâmica da realidade, em suas diferentes dimensões no contexto das relações local-global. Nesse sentido, o escolar é capaz de se sentir pertencendo ao lugar que habita.

Considerando os princípios geográficos como ferramentas relevantes na educação geográfica e na aplicabilidade dos conceitos, Castellar e De Paula (2020) asseveram que a elaboração de conceitos geográficos é uma habilidade fundamental para a vida em sociedade e para o desenvolvimento do modo de pensar geográfico. Isso porque tais habilidades são provenientes de vários referenciais culturais e teóricos, que, por vezes, são pontuais ou fragmentados. O desafio está em organizá-los, visto que para essa construção é necessária a contextualização da história do fenômeno estudado – socialmente estabelecido.

Entretanto, a elaboração desses conceitos não é exclusividade da escola, uma vez que o processo de aprendizagem ocorre no espaço de vivência do sujeito. Nas interpretações sobre o mundo, nas práticas sociais, sendo a escola uma instituição fundamental, porém não exclusiva, na estruturação e/ou transformação dessas percepções.

Nesse contexto, o uso do Atlas Escolar Municipal no ensino de Geografia está relacionado como o desenvolvimento de conceitos da cartografia e da geografia. A partir de documentos de orientação do currículo educacional, tais como a BNCC, observa-se o destaque para a cartografia durante todo o ensino fundamental (SILVA; NASCIMENTO, 2018), enquanto conteúdo, recurso didático e linguagem própria da Geografia para apreensão de conceitos, objetos e fenômenos.

Nesse sentido, destaca na BNCC a competência de “desenvolver o pensamento espacial, fazendo uso das linguagens cartográficas e iconográficas, de diferentes gêneros textuais e das geotecnologias para a resolução de problemas que envolvam informações geográficas.” (BRASIL, 2017, p. 366). Assim, percebe-se que a BNCC enfatiza o uso da linguagem cartográfica para o ensino de geografia, a partir do uso de elementos cartográficos, de imagens e também das geotecnologias.

A BNCC expõe ainda que a grande contribuição da geografia na educação básica é a de “desenvolver o pensamento espacial, estimulando o raciocínio geográfico para representar e interpretar o mundo em permanente transformação e relacionando componentes da sociedade e da natureza” (BRASIL, 2017, p. 360).

Desse modo, o referido documento considera o raciocínio geográfico como uma maneira de exercitar o pensamento espacial. Para tanto, sugere o uso dos princípios de analogia, conexão, diferenciação, distribuição, extensão, localização e ordem.

Portanto, observar que o pensamento espacial, juntamente com o raciocínio geográfico, faz com que o estudante desenvolva a capacidade de pensar e de compreender a sua realidade, que se vê a importância da cartografia no ensino de geografia, destacando assim o uso do atlas como recurso didático para auxiliar o uso da linguagem cartográfica.

Além disso, a Geografia no Ensino Fundamental, segundo a BNCC, tanto nos anos iniciais como nos finais, é vital no desenvolver da valorização das experiências do estudante com o seu espaço cotidiano de vivência, por meio da leitura de mundo a partir de diferentes linguagens e tecnologias. Também espera-se que os estudantes ampliem seus conhecimentos e observações sobre os usos dos espaços, em suas diversas dimensões geográficas, e compreendam as estruturas e os processos que resultaram na desigualdade social.

Nessa perspectiva, Cavalcanti (2002, p.12) expõe que a Geografia implementada na escola tendo um papel de contribuir na formação do pensar geográfico do estudante. Isso incide em levar os estudantes a uma consciência da

espacialidade das coisas, dos fenômenos, que eles vivenciam diretamente como parte da história social. Assim, o pensamento espacial é importante no entendimento do espaço de vivência. Por isso a educação geográfica prover a capacidade de raciocinar geograficamente, isso significa, pensar o espaço em suas múltiplas relações e dimensões, no ensejo conforme postula Cavalcanti, “desenvolver o pensamento autônomo com base na internalização do raciocínio geográfico” (CAVALCANTI, 2012, p. 47).

Nesse viés, o papel do Atlas Escolar Municipal é fundamental, como um instrumento didático adequado para contribuir, no sentido de colaborar com a construção do pensamento espacial e do raciocínio geográfico, por meio de diferentes linguagens que retratam dados e informações de seu espaço local, de vivência, que é apoiado ainda em sugestões e orientações metodológicas destinadas aos professores, para utilização e elaboração de mapas e assegurarem a alfabetização cartográfica.

De tal modo, a utilização de Atlas Escolar Municipal nas aulas de Geografia propicia a construção de habilidades e competências para a leitura e a compreensão do espaço, o desenvolvimento do pensamento espacial e a formação de cidadãos críticos. Contudo, para que isso se materializa, é essencial que o estudante aprenda a elaborar e a utilizar as representações cartográficas, necessárias para essa representação e compreensão do mundo.

Simielli (2018) expõe uma proposta para o do ensino e da aprendizagem por meio de mapas, isto é, uma “Alfabetização Cartográfica”, por meio da qual o estudante possibilita ser alfabetizado em relação às dimensões bidimensional e tridimensional, à visão oblíqua e vertical, à noção de legenda e à proporção, escala e lateralidade.

Essas noções teóricas, de acordo com a literatura, já vir junto com os estudantes desde os primeiros anos de ensino, algo que muitas vezes não acontece. Isso ocorre pois os mapas são meras representações intencionais e limitadas da realidade. Enquanto a realidade é vista em uma visão frontal e tridimensional, os mapas são representações da realidade em uma visão vertical (visão de cima) e bidimensional (plana), o que dificulta o entendimento do estudante. Além disso, nos mapas os objetos do mundo real são representados por símbolos. Assim, é fundamental prover a alfabetização cartográfica para prover condições à criança de desenvolver as habilidades necessárias para a produção e interpretação das

representações cartográficas, usando os mapas como “meio” para o aprendizado e não como fim.

Ainda segundo Simielli (2018), a alfabetização cartográfica precisa ser iniciada nos anos iniciais do Ensino Fundamental, sendo aprimorada nos anos seguintes. Assim, a apreensão desses mecanismos tem muito a contribuir para a representação consciente e leitura crítica do mundo, de modo que o mapa cumpra sua função como meio de comunicação.

Por tal motivo, Martinelli (2008) destaca que, ao construir um Atlas Escolar Municipal, não basta somente elaborar uma seleção de mapas prontos e acabados, mas, é preciso principalmente uma organização sistematizada e com propósito bem definido que é de promover uma aprendizagem significativa, por intermédio da alfabetização cartográfica, para que se alcance o raciocínio geográfico.

Para tanto, os mapas não devem ser meras ilustrações, mas representações de aspectos do espaço geográfico, um meio de transmissão de dados e informações. Desse modo, o Atlas Escolar Municipal “permitir a construção de saberes a partir de conceitos que se interagem com a linguagem cartográfica (...), estimulando a compreensão da leitura do espaço articulado com o estudo do lugar”. (MARTINELLI, 2008, p. 125)

Em relação ao contexto pedagógico da utilização do Atlas, é preciso ter em mente o que se pretende ao ensinar Geografia. Nesse contexto, a Cartografia se apresenta como uma linguagem, para revelar questões e processos que se materializam (ou não) no espaço. Deste modo, o mapa é concebido “como meio de comunicação, estrutura-se por meio de símbolos e signos, e é compreendido como um produto de comunicação visual que dissemina informação espacial” (CASTELLAR, 2015, p.198).

Além disso, o Atlas Escolar Municipal permite dar condições para que o ensino da Geografia possibilite o desenvolvimento da situação geográfica do estudante, assim compondo com exercícios-típicos fundamentados em atividades que sejam capazes de responder aos seus questionamentos, dúvidas e reflexões. Dessa forma, se baseia em uma prática concebida a partir de uma problematização do espaço, superando a metodologia baseada apenas na localização, e distribuição dos fatos geográficos. Conforme afirma Cavalcante (2012, p. 64),

a partir da localização desses fenômenos geográficos, os estudantes precisam responder a algumas questões como: Onde? Por que aqui e

não em outro lugar? Por que esse lugar é assim e não do outro jeito? Quais os impactos dessa localização sobre os lugares próximos e distantes? Nesse sentido, vale ressaltar a importância do estudante em refletir sobre o lugar através do mapeamento e da leitura dos mapas, pensar sobre as ações que acontecem nesse espaço e no mundo, fazer comparações, análises e sínteses.

Com relação ao que ensinar com o Atlas, destacam-se os temas geográficos e conteúdos historicamente estabelecidos. A definição dos conteúdos carece estar associada ao escopo da educação geográfica, mas que avançar e contemplar outras componentes curriculares, de uma maneira que favoreça conexões com o cotidiano do estudante. A questão “o quê ensinar?” reflete os temas geográficos e conteúdo que possibilitam estar presentes no material, compreendendo a localização e formação histórica e territorial da área em apreço, assim como os aspectos demográficos, sociais, econômicos, culturais e ambientais. Não há um roteiro pronto, sempre considerar as especificidades e aspectos relevantes de serem abordados a respeito do município.

Por sua vez, a questão “a quem ensinar com o Atlas” sugere o público-alvo, ou seja, os estudantes envolvidos no processo de ensino. De tal modo, é necessário nortear a concepção e elaboração do material didático, adequando sua finalidade, linguagem e teor ao contexto e à demanda do estudante. Nesse contexto é importante levar em consideração o papel ativo do estudante no processo de ensino e aprendizagem, reconhecendo os seus conhecimentos prévios, adquiridos ao longo de sua história e de suas relações sociais, de modo que sejam não apenas considerados, mas, especialmente, valorizados.

Portanto, o principal aspecto didático que o Atlas Escolar Municipal dispõe é subsidiar um maior aprofundamento acerca do espaço de vivência do estudante, correspondendo a um instrumento ou um recurso de aprendizagem, com intuito de contribuir na Geografia Escolar perante a formação crítico-cidadã dos educandos.

1.4 O Estudo do Espaço Local dos Escolares a partir dos Atlas Escolar Municipais

Para a Geografia, o conceito de lugar não é compreendido apenas com a localização geográfica, mas abrange também as vivências e percepções daqueles que partilham do mesmo espaço e, por conseguinte, atribuindo para determinados significados e valores. Segundo afirma Pacheco (2021, p. 43), “o lugar é onde estão

as referências pessoais e o sistema de valores que direcionam as diferentes formas de perceber e constituir a paisagem e o espaço geográfico”. Neste viés, é por intermédio do lugar que se procede a comunicação entre homem e mundo.

Para Bueno (2019), há um elo afetivo entre o lugar e a pessoa. Esse sentimento é atribuído por conta de o lugar ser o ambiente da vivência, das recordações, e da vida. A consciência de um passado vivido em certo local também é componente de peso. Almeida (2001, p.12) aponta que “o lugar emerge, então, como importante categoria de análise da Geografia, e de outras áreas ligadas a estudos socioambientais”.

Assim, o estudo local no Componente Curricular de Geografia demonstra grande relevância nas práticas escolares (ALMEIDA, 2001, p.12). Dessa forma, no contexto escolar, para que o professor mede o processo de ensino e aprendizagem satisfatoriamente a respeito do lugar com seus estudantes, de forma harmônica com o currículo, é fundamental recursos didáticos apropriados para suas aulas. Dentre esses recursos, cumpre se apontar o Atlas Escolar Municipal.

Almeida (2001) afirma que os recursos disponibilizados além do livro didático para o professor normalmente se limitam a relatórios, planilhas, plantas urbanas, informes, sendo, geralmente, pela sua própria natureza, insuficientes para a utilização como recurso didático. Dessa forma, há uma demanda enorme no ambiente escolar de materiais didáticos sobre o lugar, “seja em função da mudança nas relações local-global, seja pelo destaque das questões socioambientais do local” (GIRARDI, 2018, p. 43).

Com o Atlas Escolar Municipal há a possibilidade de o professor desenvolver suas atividades promovendo um ensino significativo, pois contempla o espaço que é de vivência do escolar (BUENO, 2019). Neste sentido, esse material aproxima o estudante à sua história local, ao reconhecimento e valor da preservação dos recursos naturais, à memória cultural e compreensão da forma que a sociedade ocupa o espaço e o modifica.

De fato, como afirma Almeida (2001, p.14), o lugar ganha destaque como espaço do cotidiano, no que concerne às tarefas corriqueiras e às relações mais próximas, que asseguram a construção da identidade. Neste sentido, o estudo do lugar é importante para a construção de conceitos que procuram explicar a realidade a partir do que é observado e vivido, de uma forma consciente e crítica. Na geografia escolar essa prática precisa ser desenvolvida por intermédio de uma situação

geográfica cotidiana do escolar, ou mesmo a partir de exemplos fictícios, que retratem um “local padrão”, representativo de qualquer ponto do país (LE SANN, 2007).

Neste viés, a prática associada a formação do professor de Geografia e o uso de recursos didáticos, nesse caso, um atlas escolar, surgem como um subsídio ao processo de ensino e aprendizagem. Porém, a sua eficiência não é garantida apenas pela existência do material, devendo ser considerados ambos os agentes desse processo, o estudante, como agente ativo e o docente, como mediador (do processo de ensino e aprendizagem). Por isso, a necessidade de levar em consideração os sujeitos, o ambiente escolar as condições sobre as quais o material será utilizado.

Do mesmo modo, para o estudante, estudar o lugar e compreendendo o (seu) mundo, sob o aporte dos Atlas Escolares Municipais, representa uma possibilidade de construir a sua identidade e reconhecer o seu pertencimento, todavia, sem desconsiderar o contexto das questões teórico-metodológicas do Componente Curricular de Geografia.

Por esse motivo, o estudo do lugar precisa partir das necessidades da realidade dos estudantes, dos docentes, da escola e do currículo (LE SANN, 2007). Desta maneira, sugere-se que o material promova a compreensão da realidade do mundo próximo ao escolar, com um olhar rumo ao regional, nacional e global, de maneira a conceber o estudo do lugar em diferentes níveis escalares.

A compreensão e a concepção do contexto local para regional, nacional e global é uma necessidade do cidadão, por prover diferentes modos de apreensão do mundo real (CASTRO, 2010). Por tal motivo que o estudo do lugar na Geografia é de enorme significado, uma vez que “a vida das pessoas não se restringe somente ao local em que estão” (SILVA, 2019, p. 57). Não obstante, o lugar é entendido como categoria de análise geográfica (SOUZA, 2013), de suma importância para percepção dos fenômenos no espaço e das transformações recentes do mundo (SANTOS, 2005). Por tal motivo, o tópico a seguir retrata, com mais ênfase, o lugar enquanto categoria analítica da ciência geográfica.

1.5 A Categoria Lugar na Ciência Geográfica

O conceito de Lugar apresentou diversas mudanças na sua definição e concepção ao longo das correntes geográficas e da própria sistematização da geografia enquanto ciência. Segundo Holzer (2010), o conceito de Lugar era visto, inicialmente, como algo locacional. Por sua vez, Relph (1979) destaca que na

Geografia Humanista o conceito de Lugar era compreendido como experiência vivida, tendo como preocupação em definir o lugar como algo que se tenha apego a determinado espaço e experiência cotidiana.

Dessa forma, Relph (1979) descreve o Lugar como fonte de responsabilidade social e existência de autoconhecimento. Assim, no entendimento do autor, o lugar é um microsomo, onde cada um se relaciona com o mundo e este se relaciona com o indivíduo, ou seja, o lugar como uma experiência vivida, social, no espaço.

Na Geografia Crítica, a categoria de Lugar é direcionada para o mundo global, tendo Milton Santos como representante no Brasil dessa linha de pensamento, com referência aos fenômenos da globalização e à fragmentação dos espaços. Nesse viés, Santos (2012), conduz para uma interpretação do lugar como condições das relações globais, às vezes concebido como mercadoria e, também, como expressão de uma individualidade. Para o autor, o local e global se constituem entre si, dessa forma, ambos se superpõem num processo dialético, tanto se associam, quanto se contrariam. Rodrigues (2015) complementa que cada lugar resulta em uma existência que se relaciona com o mundo globalizado.

Para Lisboa (2007) o lugar faz referência a

(...) uma realidade de escala local ou regional e pode estar associado a cada indivíduo ou grupo. O lugar pode ser entendido como a parte do espaço geográfico efetivamente apropriada para a vida, área onde se desenvolvem as atividades cotidianas ligadas à sobrevivência e às diversas relações estabelecidas pelos homens (LISBOA 2007, p. 29)

Com isso, afirmar que o lugar também consegue ser compreendido como um espaço que cada indivíduo cria laços afetivos, portanto, advir de diversas experiências e distintos significados. Assim, o lugar é intrínseco ao ser humano, isto é, o sujeito encontra integrado ou que pertence àquele local. Portanto, “a abordagem geográfica do lugar sugere uma relação afetiva com o meio”. (SUESS et al 2013, p. 141).

Nessa perspectiva, Yi-fu Tuan (1980) é um consagrado autor do termo “topofilia”, que abrange o estudo dos valores, percepção e atitudes, compreendendo o elo afetivo entre sujeito e seu lugar. A topofilia relaciona os laços afetivos do sujeito com o meio ambiente. Dessa maneira, os sentidos humanos, como audição, visão, olfato e tato, pertencentes ao sujeito são ferramentas para sua vinculado ao lugar, isto porque o lugar é ambientado por uma série de relações e sentimentos. Tuan (1980) preconiza que o lugar é somente legitimado pela experiência do sujeito, de modo que

o lugar é construído a partir da experiência física, mental, sensorial e psicológica no espaço vivido.

Compreender o lugar em que se vive permite ao sujeito conhecer também a sua história, e conseguir entender fenômenos que ali se processaram. Segundo Santos (2012, p. 273), “Cada Lugar é, ao mesmo tempo, objeto de uma razão global e de uma razão local, convivendo dialeticamente”. Castrogiovanni (2000, p. 94) sugere “há lugares, devido as suas características específicas, que produz uma identidade diversa de outros lugares mesmo pertencendo ao mesmo país”

Dessa forma, a categoria Lugar é muito utilizado na Geografia, pois é um conceito chave que possui sua fundamentação no enfoque físico-territorial que atua sobre um campo de estudos espaciais. Assim, Castello (2007, p. 37) ressalta que é importante compreender o conceito de lugar de maneira multidisciplinar, tendo em vista abarcar aspectos humanos, políticos, sociais e econômicos, assim como transversal, por haver interpretações distintas do conceito, pela ótica geográfica, antropológica, arquitetônica, psicológica ou pertencente ainda à outras áreas do conhecimento.

Para Moreira (2007) o conceito de Lugar na Geografia ter um duplo entendimento conforme a teoria que esse conceito está relacionado (Marxista, Humanista, Crítica e Fenomenológica). Pelo viés fenomenológico, Santos (2012, p. 272) compreende que o lugar é “cada ponto ou local de interseção das redes horizontais e verticais sobre a superfície do planeta”.

Deste modo, entende-se que o lugar é parte de um todo, dizendo respeito a um ponto fragmentado ocasionando tanto a exclusão quanto a inclusão segundo a correlação de força dos componentes econômicos e sociais. (MOREIRA, 2007). Assim, cada lugar possui diferença entre si e, o lugar que existe e não o mundo, de vez que são as coisas e os lugares que se mundializam e não o mundo”. (MOREIRA 2007, p. 60).

Desde a antiguidade até os dias atuais, a Cartografia passou e passa por longos processos de transformações tanto teóricos como metodológicos para se concretizar como Ciência e que também auxilia outras Ciências. Durante o seu período histórico, especialmente com a chegada do comércio, houve a necessidade de desenvolver novas técnicas e conhecimentos afins que auxiliassem as grandes navegações existentes nesse momento, assim começaram a surgir mapas, para proverem a necessidade de orientação de novas rotas (MARTINELLI, 2011).

Com a consolidação dos avanços ocorridos durante o tempo, Martinelli (2011), explica que houve o surgimento de nova perspectiva para a Cartografia, trazendo novos métodos, como a conexão de mapas, textos, imagens, e iconográficos para ser possível representar a realidade de forma mais aproximada. Neste sentido para representar o mundo, foram construídos os atlas universais, que predominou até meados do século XVIII.

Neste sentido as terras descobertas neste período, precisavam ser estudadas, com a desígnio de administrar a ocupação e o controle delas, assim no final do século XVIII, os atlas não abordavam apenas a terra de modo geral, já que teve início aos conhecimentos aprofundados sobre os diversos territórios e suas características, a partir da construção dos atlas regionais (BUENO, 2008). Além disso, com a institucionalização da Geografia no século XIX, os atlas tiveram uma enorme propagação.

Já em relação a origem dos atlas, essa teve grande contribuição de Mercator, este iniciou o atlas com formato de livro composto por um conjunto de mapas, passando a ser empregado como um elemento para a divulgação das imagens do mundo (SOUZA, PEZZATO, COSTA, 2021). Martinelli (2008) afirma que o “Atlas General Vidal-Lablache”, teve a primeira edição em 1894, o qual inspirou várias derivações sobre atlas na França e em outros países. No ano de 1868, o Brasil publicou seu primeiro atlas escolar brasileiro que teve seu título “O Atlas do Império do Brasil” (ALMEIDA, 2001, p. 23) e no ano de 1936, em São Paulo, foi elaborado o “Atlas Geográfico Melhoramentos” de P. Geraldo José Pawels, tendo uma marca significativa nas escolas (MARTINELLI, 2008).

Martinelli (2008), explica como o resultado da evolução global e teoria do conhecimento na cartografia de atlas, bem como da confirmação de uma economia de mercado cada vez mais globalizada, temos na atualidade, uma vasta e diversificada gama de atlas escolares, que vai desde o geral, estadual até abordando aspectos locais.

Partindo nestes véis, autores preocupados com a discussão sobre Atlas Escolares Municipais, passaram a escrever e elaborar atlas com o intuito de motivarem a produção de diversos trabalhos sobre o tema, até os dias atuais, entre esses autores estão Le Sann (2001) e Almeida (2003). Portanto, inicia uma nova fase para a Cartografia Escolar, onde surgem propostas de se produzir os Atlas Escolares

Municipais, com o desígnio de mostrar a realidade detalhada do território municipal, além de valorizar o local de estudo no qual o estudante vive.

O Atlas Escolar Municipal, é um material composto por: mapas, fotografias, gráficos, tabelas e conteúdos descritivos relacionados à história municipal, população, economia, características físicas e paisagens (ALMEIDA, 2003). Em seu estudo Lastória (2007), afirma para que seja possível estudar as localidades no ensino de Geografia, há a necessidade de se produzir novos materiais escolares e, deste modo, os atlas não abrangem somente a representação de todas as partes da terra, mas sim um material que envolva os estudantes em sala de aula e os motivem a conhecer o seu espaço de vivência.

Compreende que nos atuais atlas são complexos, com informações cada vez mais precisas, acompanhado por uma grande porção de ferramentas que permitem a transmissão de informações, como “imagens, gráficos, tabelas, croquis, entre outras. Isto representa um intenso processo de evolução da geografia” no decorrer do tempo (FRANÇA, ZUCCHI, p.164). É compreensível o desenvolvimento dos atlas na atualidade, já que exercem um papel significativo para os seus usuários, pois apresenta mais precisão da realidade a ser representada. Além disso, traz informações atualizadas sobre a evolução da geografia local, no transcorrer dos anos.

Segundo as orientações de França Júnior e Zucchi (2013), o Atlas Escolar Municipal vai se diferenciar dos convencionais, por dois principais fatores: o primeiro, se define pelo seu aspecto estético e artístico, já o segundo fator, está no direcionamento dos conhecimentos a todas as características do município abordado. Assim na atualidade, os Atlas Escolares Municipais estão ganhando espaço no âmbito escolar, devido a compreensão na qual estão sendo atribuídos como materiais de apoio didático para o ensino de Geografia e Ciências afins.

Por meio dos Atlas Escolares Municipais e os recursos disponibilizados neles, poderá aproximar de alguns objetivos compreendido no Componente Curricular de Geografia. Assim dentre esses objetivos, a aquisição de conhecimento espacial e de localização dos lugares pelo estudante. Além disso os mapas disponíveis no atlas, vão contemplar os aspectos físicos do município, o qual facilitará a compreensão e implicações dos aspectos sociais e, também o uso das escalas permitindo a formação e a ligação entre diversas distâncias.

Os Atlas Escolares Municipais são importantes materiais didáticos, que vão estimular o ensino-aprendizagem de Geografia (SANTOS; GUEDES, 2019). Deste

modo, os atlas preenchem a lacuna existente no processo de ensino aprendizagem do Componente Curricular de Geografia na educação básica em relação ao estudo do espaço que estudantes e professores estão inseridos (MELO, 2021).

O atlas passa ser uma ferramenta didática de extrema importância, que se torna uma base para a realização de diversas atividades em sala de aula, pois trará informações importantes e principalmente, dados atualizados. Além disso, é um auxílio para a compreensão cartográfica, que permitirá aos estudantes dos anos iniciais o seu primeiro contato com o conhecimento cartográfico e entender as suas múltiplas formas de representar o mundo (PITANO et al., 2020)

Segundo Silva (2019), o atlas é um material importante para se trabalhar as noções cartográficas e espaciais com os estudantes, comprovando a sua importância para o ensino da Geografia, onde o escolar poderá ter um maior domínio e entendimento espacial da sua realidade. Sob a ótica de Pintano (2020), o Atlas Escolar Municipal tem como objetivo incentivar a identificação com o local e o estudante adquire o sentimento de pertencimento, em relação ao lugar no qual está inserido.

Desta forma, o material destacará conceitos, ilustrações, mapas e dados, buscando sempre enfatizar da melhor forma, os conhecimentos que se relacionam com o lugar de vivência do escolar. França e Zucchi (2013), apontam que o atlas não é apenas um amontoado de mapas que estarão ali apenas para simples manuseio, mas sim, perpassa uma forma de organização em relação às informações sistemáticas com a finalidade de despertar conhecimentos específicos, ou seja, a compreensão cartográfica. Para Santos e Guedes (2019), o material promove uma aprendizagem significativa uma vez que auxiliará o livro didático abordando contextos da realidade vivida, mas sem abandonar as diretrizes para o nível de ensino a que se destina o conteúdo.

CAPÍTULO 2 – A MEDIAÇÃO DIDÁTICA PARA O ESTUDO DO ESPAÇO LOCAL MEDIANTE O USO PEDAGÓGICO DO ATLAS ESCOLAR MUNICIPAL

O presente capítulo visa, sobretudo, dispor uma orientação ao professor em relação a possibilidade e perspectiva de uso pedagógico do Atlas Escolar Municipal para a mediação didática. Espera-se explorar o potencial desse material para o estudo do espaço local dos escolares, mediante sugestões de como abordar os conceitos, princípios e expectativas de aprendizagem da Geografia e de como exercer a alfabetização cartográfica e iniciar o desenvolvimento do raciocínio geográfico no Ensino Fundamental. Em um tópico final, apresenta-se ainda sugestões práticas de utilização do Atlas Escolar Municipal em sala de aula, inclusive com uso de recursos complementares, diferentes linguagens e metodologias ativas.

2.1 As Possibilidades de Ensino e Aprendizagem do Espaço Local a partir de Atlas Escolares Municipais

Conforme abordado anteriormente, compreende-se que a Geografia Escolar promove condições do estudante conhecer o município no qual ele vive, as práticas sociais e os aspectos históricos, econômicos, culturais e ambientais. Neste viés, abrange também a compreensão dos diferentes elementos do mundo, presentes em seu dia a dia, e relacionados à diversidade de lugares e de épocas em que o todo não é visto apenas como a soma das partes.

Nesse contexto, o Atlas Escolar Municipal se apresenta como uma ferramenta pedagógica que, associada ao livro didático, oferece uma ampliação das possibilidades de ensino-aprendizagem. Isso porque o Atlas Escolar Municipal contempla aspectos históricos, sociais, econômicos, culturais e ambientais do lugar de vivência dos escolares, que raramente são contemplados em livros didáticos (BUENO, 2018). Portanto, não se busca substituir o livro didático, mas, principalmente, complementá-lo.

Dessa forma, esse material didático compreende, tanto para o professor como para o estudante, uma proposta inovadora, contribuindo com o processo formativo, por meio da compreensão dos aspectos e fenômenos geográficos vivenciados no seu cotidiano, expressos pelas diferentes escalas geográficas e suas múltiplas relações que acontecem e se materializam no espaço.

Na BNCC (2018), o ensino das Ciências Humanas precisa promover explorações sociocognitivas, afetivas e lúdicas capazes de potencializar sentidos e experiências com saberes sobre a pessoa, o mundo social e a natureza. Para isso, os “procedimentos de investigação” são fundamentais no processo de aprendizagem, permitindo ao estudante a capacidade de desenvolvimento analítico, envolvendo identificação, interpretação, comparação e argumentação. No contexto da componente curricular Geografia, a aprendizagem por investigação apresenta-se relevante para que o estudante possa desenvolver e utilizar processos, práticas e procedimentos de investigação para compreender o mundo natural, social, econômico, político e o meio técnico-científico e informacional. Por essa prática, ainda é possível avaliar ações e propor perguntas e soluções (inclusive tecnológicas) para questões que requerem conhecimentos científicos da Geografia.

Conforme apontado pela BNCC (2018), o raciocínio geográfico consiste em um conjunto de princípios, habilidades e conhecimentos que são capazes de mediar a aprendizagem do estudante para compreender os aspectos que se materializam em sua realidade. Além disso, por intermédio dessa prática é possível identificar as relações existentes e que influenciam as transformações naturais, sociais, econômicas e como se desenvolvem a organização do território e as relações existentes em seu espaço vivido.

Para prover esse processo pedagógico, recomenda-se o emprego do procedimento de “situação geográfica”, sendo compreendido “não apenas um pedaço do território, uma área contínua, mas um conjunto de relações” (BRASIL, 2017, p. 365). Dessa forma, o aprendizado deve ser conduzido buscando analisar as características de um lugar, comparando-as em relação a outros lugares.

A situação geográfica se constrói por meio da articulação entre cinco unidades temáticas presentes no decorrer de todos os anos do ensino fundamental, mobilizadas pelos professores como convier ao contexto das aulas. O Quadro 01 representa as unidades temáticas e os respectivos objetos do conhecimento compreendidos em seu interior.

Quadro 1 – Unidades temáticas e respectivos objetos do conhecimento indicados para a componente curricular Geografia

| UNIDADES TEMÁTICAS | OBJETO DE CONHECIMENTO |
|--------------------------------|--------------------------|
| O sujeito e seu lugar no mundo | Identidade sociocultural |

| | |
|-----------------------------------------------|----------------------------------------------------------------------------|
| Conexões e escalas | Relações entre os componentes físico-naturais |
| Mundo do trabalho | Transformação das paisagens naturais e antrópicas |
| Formas de representação e pensamento espacial | Fenômenos naturais e sociais representados de diferentes maneiras |
| Natureza, ambientes e qualidade de vida | Biodiversidade e ciclo hidrológico Atividades humanas e dinâmica climática |

Fonte: BNCC (BRASIL, 2017), adaptado pelo autor.

Como aponta a BNCC, a compreensão da situação geográfica que pressupõe o diálogo entre as particularidades locais com outros contextos e na contínua afirmação da importância da Geografia para “para pensar e resolver problemas gerados na vida cotidiana” (BRASIL, 2018, p.361).

Conforme também indicado anteriormente, o Atlas Escolar Municipal está voltado para os Anos Iniciais e Finais do Ensino Fundamental, isto é, do 1º ao 9º Ano, respeitando a faixa etária e domínios cognitivos do estudante. Todavia, a maior ênfase do espaço de vivência do estudante, a escala local, sendo associada ao município, está presente nos Anos Iniciais (1º ao 5º) e no primeiro dos Anos Finais do Ensino Fundamental (6º). Após o sexto ano, as expectativas de aprendizagem se associam as regiões brasileiras, ao Brasil e aos continentes.

Conforme exposto pela BNCC (2018), a Geografia Escolar no Ensino Fundamental tem o papel de “alfabetizar cartograficamente os estudantes dentro de uma perspectiva de visão espacialmente nas diversas escalas geográficas”, oferecendo as “condições suficientes para desenvolver a compreensão dos conceitos geográficos de espaço, paisagem, lugar, região e território” (BRASIL, 2018, p. 351).

Assim posto, entende-se que a Geografia Escolar oferecer a oportunidade do estudante compreender o mundo em que vive, em suas relações espaciais e temporais. Sugere-se que um processo de ensino em que os estudantes sejam estimulados a pensar espacialmente, desenvolvendo o raciocínio geográfico. Neste sentido, é importantíssimo que os estudantes dominem e compreendam de forma correta a aplicar os conceitos geográficos como: espaço, lugar, região, território e paisagem, promovendo no estudante o desenvolvimento de pensar, refletir e resolver os problemas gerados na vida cotidiana (BRASIL, 2018).

A Geografia no Ensino Fundamental, segundo a BNCC, tanto nos anos iniciais como nos finais, precisa desenvolver a valorização das experiências do estudante

com o seu espaço cotidiano de vivência, por meio da leitura de mundo com o auxílio de fotos, desenhos, mapas, maquetes, entre outros recursos. Do mesmo modo, os estudantes ampliam seus conhecimentos prévios e observações adquiridas sobre os usos dos espaços em suas diversas dimensões geográficas. Nesse contexto, o Atlas Escolar Municipal é um recurso didático que tem um potencial de ampliar o processo de ensino aprendizagem acerca do espaço local do escolar.

Assim, o Atlas Escolar Municipal se apresenta como uma forma bastante oportuna para que os estudantes desenvolvam o raciocínio geográfico e o pensamento espacial, contextualizado ao seu espaço local de vivência, e sob o intermédio de situações geográficas. Todavia, o seu uso deve ser aliado às expectativas de aprendizagem articulado ao papel do professor enquanto mediador do processo.

Para tanto, o Atlas dispõe de uma linguagem compreensível para o estudante, apresentando em seu interior representações cartográficas e outras gráficas que abram portas para uma discussão crítica ao focar nas questões locais, de seu convívio e vivência – a partir de situações geográficas. O material visa possibilitar ao estudante conhecer melhor sua região, já que a partir do conhecimento das características físicas, sociais e humanas, ele entender as transformações causadas pela ação humana, assim como dos fenômenos naturais sobre o meio.

A partir da leitura dos mapas em sala de aula, é possível não apenas compreender os fenômenos e elementos que se distribuem sobre o espaço, mas também prover a alfabetização cartográfica, mediante a explicação do alfabeto cartográfico (pontos, linhas e áreas), das perspectivas das imagens (frontal, vertical, oblíqua) e das noções de lateralidade, orientação, proporção e escala.

Nessa perspectiva, a alfabetização cartográfica é propiciada pelo Atlas ao estudante, a partir da realidade na qual estão inseridos, isto é, trazendo informações do seu município, o que torna a aprendizagem atrativa. Isso porque os estudantes se sentem motivados ao serem contextualizados sobre aspectos e fenômenos presentes em seu cotidiano.

Da mesma forma, a partir da observação dos elementos que estão a sua volta, o estudante começa a extrair informações para sua reflexão, e, posteriormente, partem para a construção de conceitos para apreensão do espaço geográfico. Seguindo este direcionamento, Castellar (2015, p.31) esclarece que, ao ensinar Geografia, necessita-se dar prioridade à construção dos conceitos pela ação do

estudante e tomar como referência as suas observações do lugar de vivência, para que se formalizem conceitos geográficos por meio da linguagem cartográfica.

Por exemplo, Castellar (2015) explica que o estudante só será capaz de compreender o conceito de escala a partir do momento em que for estimulado a perceber, em seu espaço de vivência, as relações topológicas elementares, como separação, ordem e sucessão, proximidade e continuidade das linhas e superfícies. Em outras palavras, no momento em que, ele representa o seu espaço, começa a perceber as relações de proporção. Caso isto não ocorra, aparecem as deformações dos elementos, dando início a uma reflexão sobre sua ação de mapear e não copiar mapas.

Aguiar (2012) expõe que o exercício da imaginação e abstração geográfica é possível ser despertado nos estudantes do Ensino Fundamental, por meio dos Atlas Escolares Municipais. Isso porque os Atlas Escolares Municipais, além conterem textos explicativos, apresentam também uma série de recursos visuais, tais como, mapas, fotografias, gráficos, linhas do tempo e infográficos.

Dessa forma, o Quadro 2, a seguir, representa as Unidades Temáticas (U.T.), os Objetos de Conhecimento (O.C.) e as respectivas Habilidades (H) que julga-se, no presente trabalho, como pertinentes para serem desenvolvidas no Ensino Fundamental por intermédio do Atlas Escolar Municipal.

Quadro 2 – As Unidades Temáticas (U.T.), os Objetos de Conhecimento (O.C.) e as respectivas Habilidades (H) passíveis de serem abordados por meio do Atlas Escolar Municipal

| | |
|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| 1º ANO | U.T.: O sujeito e seu lugar no mundo |
| | O.C.: O modo de vida das crianças em diferentes lugares |
| | H.: (EF01GE01) Descrever características observadas de seus lugares de vivência (moradia, escola etc.) e identificar semelhanças e diferenças entre esses lugares |
| | O.C.: Situações de convívio em diferentes lugares |
| | H.: (EF01GE03) Identificar e relatar semelhanças e diferenças de usos do espaço público (praças, parques) para o lazer e diferentes manifestações. |
| | U.T.: Conexões e escalas |
| | O.C.: Ciclos naturais e a vida cotidiana |
| | H.: (EF01GE05) Observar e descrever ritmos naturais (dia e noite, variação de temperatura e umidade etc.) em diferentes escalas espaciais e temporais, comparando a sua realidade com outras. |
| | U.T.: Mundo do trabalho |
| | O.C.: Diferentes tipos de trabalho existentes no seu dia a dia |
| | H.: (EF01GE07) Descrever atividades de trabalho relacionadas com o dia a dia da sua comunidade. |
| | U.T.: Formas de representação e pensamento espacial |
| O.C.: Pontos de referência | |
| H.: (EF01GE08) Criar mapas mentais e desenhos com base em itinerários, contos literários, histórias inventadas e brincadeiras | |

| | |
|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| | H.: (EF01GE09) Elaborar e utilizar mapas simples para localizar elementos do local de vivência, considerando referenciais espaciais (frente e atrás, esquerda e direita, em cima e embaixo, dentro e fora) e tendo o corpo como referência. |
| | U.T.: Natureza, ambientes e qualidade de vida |
| | O.C.: Condições de vida nos lugares de vivência |
| | H.: (EF01GE10) Descrever características de seus lugares de vivência relacionadas aos ritmos da natureza (chuva, vento, calor etc.). |
| | H.: (EF01GE11) Associar mudanças de vestuário e hábitos alimentares em sua comunidade ao longo do ano, decorrentes da variação de temperatura e umidade no ambiente. |
| 2º ANO | U.T.: O sujeito e seu lugar no mundo |
| | O.C.: Convivência e interações entre pessoas na comunidade |
| | H.: (EF02GE01) Descrever a história das migrações no bairro ou comunidade em que vive. |
| | H.: (EF02GE02) Comparar costumes e tradições de diferentes populações inseridas no bairro ou comunidade em que vive, reconhecendo a importância do respeito às diferenças. |
| | O.C.: Riscos e cuidados nos meios de transporte e de comunicação |
| | H.: (EF02GE03) Comparar diferentes meios de transporte e de comunicação, indicando o seu papel na conexão entre lugares, e discutir os riscos para a vida e para o ambiente e seu uso responsável. |
| | U.T.: Conexões e escalas |
| | O.C.: Mudanças e permanências |
| | H.: (EF02GE05) Analisar mudanças e permanências, comparando imagens de um mesmo lugar em diferentes tempos |
| | U.T.: Mundo do trabalho |
| | O.C.: Tipos de trabalho em lugares e tempos diferentes |
| | H.: (EF02GE07) Descrever as atividades extrativas (minerais, agropecuárias e industriais) de diferentes lugares, identificando os impactos ambientais. |
| | U.T.: Formas de representação e pensamento espacial |
| | O.C.: Localização, orientação e representação espacial |
| | H.: (EF02GE08) Identificar e elaborar diferentes formas de representação (desenhos, mapas mentais, maquetes) para representar componentes da paisagem dos lugares de vivência. |
| | H.: (EF02GE09) Identificar objetos e lugares de vivência (escola e moradia) em imagens aéreas e mapas (visão vertical) e fotografias (visão oblíqua). |
| | H.: (EF02GE10) Aplicar princípios de localização e posição de objetos (referenciais espaciais, como frente e atrás, esquerda e direita, em cima e embaixo, dentro e fora) por meio de representações espaciais da sala de aula e da escola |
| U.T.: Natureza, ambientes e qualidade de vida | |
| O.C.: Os usos dos recursos naturais: solo e água no campo e na cidade | |
| H.: (EF02GE11) Reconhecer a importância do solo e da água para a vida, identificando seus diferentes usos (plantação e extração de materiais, entre outras possibilidades) e os impactos desses usos no cotidiano da cidade e do campo | |
| 3º ANO | U.T.: O sujeito e seu lugar no mundo |
| | O.C.: A cidade e o campo: aproximações e diferenças |
| | H.: (EF03GE01) Identificar e comparar aspectos culturais dos grupos sociais de seus lugares de vivência, seja na cidade, seja no campo. |
| | U.T.: Conexões e escalas |
| | O.C.: Paisagens naturais e antrópicas em transformação |
| | H.: (EF03GE04) Explicar como os processos naturais e históricos atuam na produção e na mudança das paisagens naturais e antrópicas nos seus lugares de vivência, comparando-os a outros lugares. |
| | U.T.: Mundo do trabalho |
| | O.C.: Matéria-prima e indústria |
| | H.: (EF03GE05) Identificar alimentos, minerais e outros produtos cultivados e extraídos da natureza, comparando as atividades de trabalho em diferentes lugares. |
| | U.T.: Formas de representação e pensamento espacial |
| | O.C.: Representações cartográficas |
| | H.: (EF03GE06) Identificar e interpretar imagens bidimensionais e tridimensionais em diferentes tipos de representação cartográfica. |
| | H.: (EF03GE07) Reconhecer e elaborar legendas com símbolos de diversos tipos de representações em diferentes escalas cartográficas |

| | |
|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| | U.T.: Natureza, ambientes e qualidade de vida |
| | O.C.: Produção, circulação e consumo |
| | H.: (EF03GE08) Relacionar a produção de lixo doméstico ou da escola aos problemas causados pelo consumo excessivo e construir propostas para o consumo consciente, considerando a ampliação de hábitos de redução, reuso e reciclagem/descarte de materiais consumidos em casa, na escola e/ou no entorno |
| | O.C.: Impactos das atividades humanas |
| | H.: (EF03GE09) Investigar os usos dos recursos naturais, com destaque para os usos da água em atividades cotidianas (alimentação, higiene, cultivo de plantas etc.), e discutir os problemas ambientais provocados por esses usos. |
| | H.: (EF03GE10) Identificar os cuidados necessários para utilização da água na agricultura e na geração de energia de modo a garantir a manutenção do provimento de água potável. |
| | H.: (EF03GE11) Comparar impactos das atividades econômicas urbanas e rurais sobre o ambiente físico natural, assim como os riscos provenientes do uso de ferramentas e máquinas. |
| | U.T.: O sujeito e seu lugar no mundo |
| | O.C.: Instâncias do poder público e canais de participação social |
| | H.: (EF04GE03) Distinguir funções e papéis dos órgãos do poder público municipal e canais de participação social na gestão do Município, incluindo a Câmara de Vereadores e Conselhos Municipais |
| | U.T.: Conexões e escalas |
| O.C.: Relação campo e cidade | |
| H.: (EF04GE04) Reconhecer especificidades e analisar a interdependência do campo e da cidade, considerando fluxos econômicos, de informações, de ideias e de pessoas. | |
| O.C.: Unidades político-administrativas do Brasil | |
| H.: (EF04GE05) Distinguir unidades político-administrativas oficiais nacionais (Distrito, Município, Unidade da Federação e grande região), suas fronteiras e sua hierarquia, localizando seus lugares de vivência | |
| U.T.: Mundo do trabalho | |
| O.C.: Trabalho no campo e na cidade | |
| (EF04GE07) Comparar as características do trabalho no campo e na cidade. | |
| O.C.: Produção, circulação e consumo | |
| H.: (EF04GE08) Descrever e discutir o processo de produção (transformação de matérias primas), circulação e consumo de diferentes produtos. | |
| U.T.: Formas de representação e pensamento espacial | |
| O.C.: Sistema de orientação | |
| H.: (EF04GE09) Utilizar as direções cardeais na localização de componentes físicos e humanos nas paisagens rurais e urbanas | |
| O.C.: Elementos constitutivos dos mapas | |
| H.: (EF04GE10) Comparar tipos variados de mapas, identificando suas características, elaboradores, finalidades, diferenças e semelhanças. | |
| U.T.: Natureza, ambientes e qualidade de vida | |
| O.C.: Conservação e degradação da natureza | |
| H.: (EF04GE11) Identificar as características das paisagens naturais e antrópicas (relevo, cobertura vegetal, rios etc.) no ambiente em que vive, bem como a ação humana na conservação ou degradação dessas áreas. | |
| 4º ANO | U.T.: Conexões e escalas |
| | O.C.: Território, redes e urbanização |
| | H.: (EF05GE03) Identificar as formas e funções das cidades e analisar as mudanças sociais, econômicas e ambientais provocadas pelo seu crescimento. |
| | H.: (EF05GE04) Reconhecer as características da cidade e analisar as interações entre a cidade e o campo e entre cidades na rede urbana. |
| | U.T.: Formas de representação e pensamento espacial |
| | O.C.: Mapas e imagens de satélite |
| | H.: Analisar transformações de paisagens nas cidades, comparando sequência de fotografias, fotografias aéreas e imagens de satélite de épocas diferentes. |
| | O.C.: Representação das cidades e do espaço urbano |
| H.: Estabelecer conexões e hierarquias entre diferentes cidades, utilizando mapas temáticos e representações gráficas. | |
| U.T.: Natureza, ambientes e qualidade de vida | |
| 5º ANO | U.T.: Natureza, ambientes e qualidade de vida |
| | O.C.: Conservação e degradação da natureza |
| | H.: (EF04GE11) Identificar as características das paisagens naturais e antrópicas (relevo, cobertura vegetal, rios etc.) no ambiente em que vive, bem como a ação humana na conservação ou degradação dessas áreas. |
| | U.T.: Conexões e escalas |
| | O.C.: Território, redes e urbanização |
| | H.: (EF05GE03) Identificar as formas e funções das cidades e analisar as mudanças sociais, econômicas e ambientais provocadas pelo seu crescimento. |
| | H.: (EF05GE04) Reconhecer as características da cidade e analisar as interações entre a cidade e o campo e entre cidades na rede urbana. |
| | U.T.: Formas de representação e pensamento espacial |
| | O.C.: Mapas e imagens de satélite |
| | H.: Analisar transformações de paisagens nas cidades, comparando sequência de fotografias, fotografias aéreas e imagens de satélite de épocas diferentes. |
| | O.C.: Representação das cidades e do espaço urbano |
| H.: Estabelecer conexões e hierarquias entre diferentes cidades, utilizando mapas temáticos e representações gráficas. | |
| U.T.: Natureza, ambientes e qualidade de vida | |

| | |
|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| 6º ANO | O.C.: Qualidade ambiental |
| | H.: (EF05GE10) Reconhecer e comparar atributos da qualidade ambiental e algumas formas de poluição dos cursos de água e dos oceanos (esgotos, efluentes industriais, marés negras etc.). |
| | O.C.: Diferentes tipos de poluição |
| | H.: Identificar e descrever problemas ambientais que ocorrem no entorno da escola e da residência (lixões, indústrias poluentes, destruição do patrimônio histórico etc.), propondo soluções (inclusive tecnológicas) para esses problemas. |
| | O.C.: Gestão Pública da qualidade de vida |
| | H.: (EF05GE12) Identificar órgãos do poder público e canais de participação social responsáveis por buscar soluções para a melhoria da qualidade de vida (em áreas como meio ambiente, mobilidade, moradia e direito à cidade) e discutir as propostas implementadas por esses órgãos que afetam a comunidade em que vive. |
| | U.T.: Conexões e escalas |
| | O.C.: Relações entre os componentes físico-naturais |
| | H.: (EF06GE04) Descrever o ciclo da água, comparando o escoamento superficial no ambiente urbano e rural, reconhecendo os principais componentes da morfologia das bacias e das redes hidrográficas e a sua localização no modelado da superfície terrestre e da cobertura vegetal. |
| | U.T.: Formas de representação e pensamento espacial |
| O.C.: Fenômenos naturais e sociais representados de diferentes maneiras | |
| H.: (EF06GE08) Medir distâncias na superfície pelas escalas gráficas e numéricas dos mapas. | |
| H.: (EF06GE09) Elaborar modelos tridimensionais, blocos-diagramas e perfis topográficos e de vegetação, visando à representação de elementos e estruturas da superfície terrestre. | |
| U.T.: Natureza, ambientes e qualidade de vida | |
| O.C.: Biodiversidade e ciclo hidrológico | |
| H.: (EF06GE10) Explicar as diferentes formas de uso do solo (rotação de terras, terraceamento, aterros etc.) e de apropriação dos recursos hídricos (sistema de irrigação, tratamento e redes de distribuição), bem como suas vantagens e desvantagens em diferentes épocas e lugares. | |

Fonte: BNCC (BRASIL, 2017), adaptado pelo autor.

Pelo que se observa, a alfabetização cartográfica está presente, sobremaneira, na Unidade Temática Formas de representação e pensamento espacial, a partir das habilidades que retratam as primeiras representações, por intermédio de mapas mentais e desenhos de itinerários (EF01GE08), as noções de lateralidade (EF01GE09), a mudança da perspectiva de visão vertical, frontal e oblíqua (EF02GE09), a imagem bidimensional e tridimensional (EF03GE06), o alfabeto de pontos, linhas e polígonos presente na legenda (EF03GE07) e as noções de orientação (EF04GE09) e escala (EF06GE08).

Silva e Nascimento (2018) apontam que até o sexto ano do Ensino Fundamental, a BNCC apresenta elementos essenciais para a alfabetização cartográfica. Todavia, os autores salientam que o currículo de referência não retrata a habilidade de compreensão e utilização do referencial de localização a partir das coordenadas, estando apenas presente na Componente Curricular Matemática, entre o quinto e sétimo ano.

Lastoria (2007) ressalta a importância de se trabalhar com a alfabetização cartográfica desde os anos iniciais da escolarização, isto é, desde as series iniciais do

Ensino Fundamental. Dessa forma a autora sugere dois esquemas que os professores precisam seguir para trabalhar com a alfabetização cartográfica no Ensino Fundamental. Esses esquemas são definidos da seguinte forma:

[...] algumas noções concebidas como básicas na alfabetização cartográfica (visão oblíqua e visão vertical, imagem tridimensional e bidimensional, alfabeto cartográfico que se refere ao ponto, linha e área, legenda, proporção e escala, lateralidade, referências e orientação espacial), devem contribuir para a desmistificação da Cartografia como uma ciência que apenas propõe mapas acabados aos usuários. Ao contrário disto, a alfabetização cartográfica deve ocorrer num processo no qual os estudantes consigam aprender a leitura crítica de mapas, cartas e plantas, ultrapassando a simples localização dos fenômenos estampados nos mapas, para se tomarem mapeadores conscientes que conseguem elaborar maquetes, croquis, mapas e outros, sabendo entender e optar por símbolos e pelas convenções cartográficas (LASTORIA, 2007, p.113).

Desse modo, é possível, por intermédio do Atlas Escolar Municipal, o ensino do/ pelo mapa, na perceptiva de desenvolvimento preconizada pela literatura. Com relação ao ensino do mapa, considerando a pretensão de representação do espaço por parte da criança, toma-se como ponto de partida a elaboração de mapas mentais e desenhos do itinerário da casa até a escola, com elementos do local de vivência e a presença de alguns referenciais espaciais.

Nesse momento, ainda conseguem ser desenvolvidas algumas noções básicas de lateralidade, como vizinhança, inclusão, separação, ordem e continuidade – as quais abarcam os princípios geográficos de localização, ordem, extensão, conexão e distribuição. De mesma forma, ser pontuadas as mudanças de perspectiva de visão de elementos nessas representações iniciais (visão vertical, frontal e oblíqua, imagem bidimensional e tridimensional), e noções de orientação, escala e simbologia gráfica. Todos esses aspectos presentes em mapas mentais elaborados por crianças são explanados por Richter (2011).

Dessa forma o mapa mental é uma importante ferramenta que auxilia no desenvolvimento espacial do estudante, sendo que o mesmo busca representar o espaço como forma de expressão e linguagem. Assim construir mapas mentais sobre a ótica do espaço vivido possibilita que o estudante faça leituras críticas da realidade, podendo assim assimilar os conhecimentos científicos com a prática cotidiana. “Os mapas mentais atuam como um instrumento de comunicação, de linguagem e de representação que está presente na vida do ser humano” desde que o mesmo começou a compreender a importância de “desenhar” o espaço vivido. Ao longo de

gerações, como aponta Richter (2011, p. 32), “os mapas contribuíram e acompanharam o desenvolvimento cultural humano, sendo a cartografia muito requisitada ainda atualmente como fonte de conhecimento científico”.

A confecção e manipulação de mapas mentais apresenta-se como uma prática cartográfica, que utilizada no processo educativo tem a acrescentar ao desenvolvimento dos sujeitos envolvidos, sobretudo, na esfera do ensino de Geografia, onde as representações servirão de base à compreensão dos conteúdos e conceitos geográficos, através da interpretação e observação da realidade mais concreta (CASTELLAR, 2011). A adoção da confecção e manuseio de mapas mentais no processo educativo acrescenta certas habilidades como, uma visão geral de um assunto ou área amplas, possibilita que o escolar planeje rotas ou faça escolhas, o qual lhe dará condições de saber onde esteve e para onde vai, reunirá grande quantidade de dados num só lugar, estimulará a solução de problemas permitindo-lhe perceber novos caminhos criativos, será agradável de ver, ler, apreciar e lembrar (BUZAN, 2005). E também, pode funcionar como um recurso capaz de atrelar conceitos científicos às leituras de mundo, a desenvolver interpretações intrínsecas acerca do espaço (RICHTER, 2011)

Para Kozel, “o conceito de mundo vivido, trazido pela fenomenologia passa a ser o aporte significativo para entender os mapas mentais, [...] como uma construção que pode assumir um caráter sociocultural”. (KOZEL, 2007, p. 120).

O espaço não é somente apreendido através dos sentidos, ele referenda uma relação estabelecida pelo ser humano, emocionalmente de acordo com as suas experiências espaciais. Assim o espaço não é somente percebido, sentido ou representado, mas, também vivido. As imagens que as pessoas constroem estão impregnadas de recordações, significados e experiências. (KOZEL, 2007, p. 117).

Para essa autora, por se tratar de representação, o mapa mental pode ser inserido nesse contexto educacional, pois representa a relação que a pessoa tem com o seu lugar e como ele é compreendido. A representação desse espaço vivido pode ser do cotidiano recente, como pode ser do passado. É através dos sentidos que a pessoa percebe o espaço e interage com ele, assim valorizando a experiência de vida dos educandos e resgatamos o que apreenderam.

De acordo com Kozel (1999, p.15), “Os mapas mentais servem como estratégias para os professores perceberem como os educandos estão representando o seu mundo”. Nesse sentido a intenção foi perceber o nível de compreensão espacial,

ou seja, entender como compreendem o lugar que vivem, e a imagem que eles têm do seu lugar.

Após os estudantes terem noções e serem capazes de construir seus próprios mapas, que também ser aprimorados em relação a compreensão e utilização dos elementos da representação cartográfica, como escala, legenda, orientação e coordenadas, de modo que se tornem leitores críticos de mapas e assim, possam melhor compreender a informação comunicada pelo mapa.

Apesar de compreender um recurso didático voltado especialmente para o conhecimento do espaço local, portanto, o conceito geográfico do lugar, compreende considerar a coexistência de múltiplas dimensões da realidade, pelos quais decai o processo de apreensão e representação da realidade por parte do escolar. Dessa forma, é possível também ser empregados no processo de ensino e aprendizagem por intermédio do Atlas Escolar Municipal os conceitos de paisagem, região, território e natureza.

As próprias habilidades indicadas no Quadro 1 demonstram como esses conceitos conseguem ser contextualizados ao longo dos anos do Ensino Fundamental, tais como o caso da paisagem, perante as expectativas de aprendizagens associadas à análise de mudanças e permanências (EF02GE05), representação dos componentes das paisagens dos lugares de vivência (EF02GE08) e características das paisagens naturais e antrópicas (EF04GE11).

Além disso, no contexto de contemplar diferentes aspectos do mundo real, partindo do contexto local (bairro e município), os encaminhamentos didáticos a ser pautado na utilização de outros princípios geográficos, tais como analogia e conexão, de modo que a partir da situação geográfica do seu espaço de vivência, o estudante seja convidado a comparar aquela localidade com outras, ou ainda, para abstrair e generalizar para outras regiões do país e do globo.

Assim, pelo que foi discutido no presente tópico, percebe-se que o Atlas Escolar Municipal enquanto material didático permitindo o desenvolvimento de competências e habilidades que capacitem o estudante para compreender a estrutura e a organização do espaço, assegurando o desenvolvimento de capacidades mentais e cognitivas que o capacitem para a vida em sociedade, como cidadão. Nesse viés, o encaminhamento da alfabetização cartográfica e do raciocínio geográfica possibilita desenvolver diferentes formas de entender e intervir no mundo, de maneira crítica e consciente, em prol do bem comum e da sustentabilidade.

2.2 Orientações para o Uso Pedagógico de Atlas Escolares Municipais

Ao compreender o Atlas Escolar Municipal enquanto um material didático para o estudo do espaço local, a proposta desta pesquisa se volta a produção de recursos didáticos e ao encaminhamento de práticas de ensino na qual possam contribuir com as práticas pedagógicas, tanto no escopo do professor quanto aos estudantes. Por essa razão, o Atlas Escolar Municipal, como qualquer outro recurso didático, precisa respeitar a faixa etária e desenvolvimento cognitivo do estudante e, assim, apresentar um conteúdo diversificado e adaptado, que possa ser aproveitado nos diferentes anos do Ensino Fundamental.

Tendo como referência as diferentes propostas consultadas de Atlas Escolares Municipais (demonstradas no tópico 1.2 do Capítulo 1 da dissertação), emprega-se a estrutura metodológica desenvolvida por Bueno (2015; 2018), de forma individual, ou em associação a outros autores Bueno *et al.*, (2016); Silva (2013); Bueno, *et al.*, (2017); Nascimento (2019) no desenvolvimento de Atlas Escolares Municipais para diferentes localidades do estado de Goiás e do Brasil.

Já em relação a estrutura do Atlas Escolar Municipal cada prancha se organiza a partir do tripé: contextualização, problematização e representação geralmente apresentam ao menos uma representação cartográfica, abrangendo ainda outras representações, como fotografias, gráficos e tabelas. Nessa perspectiva, o principal elemento de um Atlas, os mapas, caminha com a finalidade de conduzir para a localização e situação geográfica, no sentido de demonstrar a distribuição, espacialidade, extensão de objetos, elementos e fenômenos. Por exemplo, na prancha temática que retrata a variação da altitude do relevo, além de conhecerem a variação altimétrica, os estudantes conseguem identificar a localização dos pontos mais elevados do município, relacioná-los a outros aspectos naturais e associá-los às formas de ocupação e exploração do solo nesses locais.

Desta maneira, o Atlas Escolar Municipal é composto por mapas temático atualizados com uma linguagem de fácil compreensão, com gráficos, tabelas, fotos, indicações de leitura, sites e vídeos com informações detalhadas que se propõem a nortear o professor e o estudante no processo de ensino e aprendizagem sobre o espaço local do escolar. Pois o mapa temático representa, de forma mais prática e visual, informações geográficas específicas sobre determinado tema, podendo ser referente a um ou mais fenômenos físicos, políticos ou sociais de uma região ou, até mesmo, de todo o globo. Assim ele pode transmitir conhecimento a partir de seu

conteúdo, a fim de criar um meio de comunicação mais amplo e claro. Para os cartógrafos, entretanto, o conhecimento transmitido pelos mapas também pode ser o mais restrito e objetivo possível, levando em consideração que cada mapa possui seu próprio tema, função e autor. (MARTINELLI; GRAÇA, 2015)

Em outras palavras, um mapa pode ser elaborado com base em um tema mais amplo, como os mapas físicos que representam o relevo, vegetação, dados demográficos ou elementos relacionados, e que são de uso comum na sociedade, sendo apresentados em escolas, jornais, revistas e outros, utilizados como veículo de transmissão de conhecimento de determinado tema.

Dessa forma, o mapa pode apresentar um tema mais específico e voltado para um público mais restrito, como por exemplo a representação da cobertura de solo de determinada pesquisa agrícola, na qual apenas os profissionais especializados na área saberiam o correto manejo dos dados para sua análise, reconhecendo possíveis falhas, acertos e demais detalhes, como fertilidade do solo e plantas daninhas, facilitando a tomada de decisão acerca do plantio.

Assim, tudo varia com a finalidade de cada mapa que está sendo elaborado, sendo importante que este cumpra sua função, informando o conteúdo determinado e utilizando símbolos gráficos especialmente planejados para facilitar a visualização pelo usuário. (MARTINELLI; GRAÇA, 2015)

Logo no final de cada temática abordada é apresentado um agrupamento de sugestões pedagógicas complementares para melhor desenvolver o conteúdo, como uso de mapas mudos, mapas colaborativos, recursos de realidade aumentada. Também são sugeridas sugestões pedagógicas baseadas em metodologias ativas, de modo que o professor possa (re)pensar e (re)construir o planejamento da aula, tornado o processo de aprendizagem mais significativo e atrativo.

Segundo Romig e Pitano (2020) o Atlas Escolar Municipal é de suma importância enquanto material didático para o ensino de Geografia, especialmente, na realidade dos professores da educação básica da rede pública e privada de ensino, que não dispõe de um material específico sobre a realidade local, dando significado para a aprendizagem dos estudantes. Nesse sentido, por meio do Atlas, espera-se que os estudantes e os professores possam aprender, refletir e conhecer mais sobre os principais aspectos e características que estão relacionados com o seu lugar de vivência, sobre o seu espaço vivido.

Além disso, cada prancha possui um texto complementar, que contextualiza, problematiza, apresenta conceitos e descreve o aspecto temático do município, com exemplos que partem da perspectiva da situação geográfica (trazendo fatos do seu cotidiano e de sua localidade de vivência).

Para os estudantes dos anos iniciais do Ensino Fundamental, o Atlas Escolar Municipal tem a probabilidade de ser um material a ser utilizado, principalmente, pelo professor, para leitura, compreensão, contextualização e problematização do tema, assim como fonte para os mapas, gráficos e tabelas, e, sobretudo, para o encaminhamento das atividades didáticas sugeridas.

Dessa forma possibilitando o desenvolvimento da habilidade de leitura e compreensão de textos, os estudantes têm o contato direto com o Atlas, para leitura e visualização das representações cartográficas, gráficas e tabulares. Todavia, mesmo nesse caso, a mediação pelo professor é fundamental. Isso porque recomenda-se que a leitura inicie com níveis de compreensão mais embrionários, até alcançar níveis mais intrincados. Assim, a leitura a ser mediada pelo professor para o entendimento geral do tema, seguindo com a visualização e compreensão das distintas representações (mapas, gráficos e fotografias), para que, por fim, alcance a síntese, num nível mais complexo de compreensão.

O Atlas Escolar Municipal dispõe de uma linguagem compreensível para o estudante, não caindo no erro da simplificação por si só, já discutida por Martinelli (2008), mas trazendo em si, representações geográficas que abrem portas para uma discussão crítica ao focar nas questões locais em seu conteúdo. A partir da leitura dos mapas em sala de aula, é possível adquirir o domínio espacial e capacidade de síntese dos fenômenos geográficos, é a partir desse pressuposto que o professor de geografia deve partir, trabalhando os conceitos fundamentais da geografia exigidos no Ensino Fundamental.

Tendo como fundamento a proposta inicial de Le Sann (1995) para os Atlas Escolares Municipais, no qual entende que esse material possibilita promover uma interatividade e cooperação entre professor e estudante em sala de aula. Desse modo, em algumas pranchas temáticas, os estudantes têm que ser conduzidos pelo professor no sentido de, primeiramente, se pautarem em conhecimentos prévios, do seu cotidiano, para a contextualização e problematização do que será abordado.

Por exemplo, ao retratar os recursos hídricos do município, há possibilidade ser pontuados problemas de poluição hídrica por meio da disposição de resíduos sólidos

e rejeitos industriais. Após discussão do assunto, e melhor compreensão dos recursos hídricos de seu município, os estudantes são questionados se reconhecem mecanismos ou órgãos do poder público e canais de percepção social que possibilita ser buscados para denúncias e soluções da melhoria da qualidade das águas para população.

Em outras ocasiões (pranchas), os estudantes são levados a complementarem as pranchas temáticas, com dados e informações pessoais, de seus familiares, de sua residência, bairro e município, de modo a evidenciarem o conhecimento que possuem do seu espaço local, ou que sejam levados a refletirem e pesquisarem a respeito deles. Um exemplo a ser apontado na prancha temática “Minha Moradia”, em que o estudante é solicitado a completar com informações do seu local de moradia, e também questionado sobre o local de nascimento de seus familiares. Desse modo, questões como migrações e diferentes aspectos culturais a serem abordados.

Inclusive, na prancha temática que retrata os bairros do município, pode-se solicitar aos estudantes que confeccionem um mapa do bairro no qual residem, para que possam incorporar elementos do espaço, sendo orientados a empregarem uma simbologia (formas e cores) neste mapa do bairro confeccionado por eles.

Ainda, na direção de fornecer sugestões e orientações metodológicas para o professor, as pranchas apresentam indicações de materiais complementares, sejam textuais, ou de outra linguagem (charge, quadrinhos, filmes e documentários), para melhor contextualização e compreensão do aspecto ou fenômeno a ser estudado. Ainda, aos professores, são apresentadas possíveis sequências didáticas para possa desenvolver, inclusive com adequações e complementações, para que de maneira significativa efetivem o processo de ensino e aprendizagem.

Para representar os tipos de solos do município, por exemplo, o Atlas indicará um mapa, uma descrição e trará algumas fotografias exemplificando as propriedades dos solos e suas características de potencialidade agrícola e suscetibilidade ambiental. Ainda, será proposto uma atividade complementar, a partir de um problema específico o qual os estudantes possam conduzir uma investigação sobre o fenômeno e as características do solo que possam deflagrá-lo ou amenizá-lo, e que estudantes e professor visitem um local anteriormente selecionado e definido, para que possam presenciar e vivenciar aquele conteúdo tratado de forma teórica, com o manuseio de fragmentos do solo para reconhecimento de suas propriedades e características tendo

a possibilidade de produzir mapas através da sobreposições de imagem vinculadas mapas que é definido como overlay.

Alguns exemplos de sequências didáticas que se apoiam no uso de tecnologias da informação e comunicação são demonstrados por Oliveira e Nascimento (2017), Nascimento (2019), Silva, Nascimento e Fabricio (2022), Nascimento e Antunes (2022) e Antunes e Nascimento (2022), a respeito do emprego pedagógico das plataformas digitais e interativas: Google Earth, Google My Maps, SIDRA/IBGE e StoryMaps.

Segundo Godinho *et. al.*, (2007), o uso da imagem de satélite em sala de aula, por exemplo, as disponíveis no Google Earth, colaborar para uma didática mais interessante e significativa no contexto do ensino e aprendizagem do estudante uma vez que essa forma de atividade promove a realização de aulas mais atrativas e diferenciadas, nas quais os estudantes se sentiriam mais motivado.

Com o uso de imagens de satélite, os estudantes podem se localizar no espaço, analisar elementos do entorno imediato e no contexto regional, permitindo também identificar as “características das paisagens naturais e antrópicas (relevo, cobertura vegetal, rios etc.), no ambiente em que vive, bem como a ação humana na conservação ou degradação dessas áreas” (BNCC, 2018, p. 377). Nessa perspectiva os estudantes reconhecem como diferentes comunidades transformam a natureza, tanto na utilização de seus recursos, como nos impactos socioambientais ao meio ambiente.

Seja por intermédio de uma imagem de satélite ou por uma plataforma interativa de mapeamento, ou a partir de um mapa mental, como sugestão didática para desenvolvimento de noções espaciais (lateralidade), de proporção (escala), orientação (pontos cardeais e colaterais) e localização (coordenadas), os estudantes têm a possibilidade de ser conduzidos para a elaboração de um mapa que represente o trajeto casa até escola, ou de elementos no entorno de sua escola, ou no contexto de seu bairro ou município. Para tanto, recomenda-se a estratégia adequada ao nível de ensino (anos iniciais ou finais).

Ainda no contexto dessa proposta, no caso dos primeiros anos do Ensino Fundamental, encaminhar a alfabetização cartográfica mediante a elaboração de desenhos livres pelo escolar. Inicialmente, com o desenho de sua própria mão ou do esquema corporal. Em seguida, solicitar o desenho de um objeto (um lápis ou caneca), a partir da visão frontal, vertical e oblíqua. Outra proposta pertinente de atividade, para

os anos finais do Ensino Fundamental, é o desenho da planta baixa da casa, incorporando as noções de proporção (escala).

Castellar (2005), o estudante só será capaz de construir o conceito de escala a partir do momento em que for estimulado a perceber, em seu espaço de vivência, as relações topológicas elementares, como separação, ordem e sucessão, proximidade e continuidade das linhas e superfícies. Em outras palavras, no momento em que o escolar representa o seu espaço, começa a perceber as relações de proporção. Caso isto não ocorra, aparecem as deformações dos elementos, dando início a uma reflexão sobre sua ação de mapear e não copiar mapas.

A partir da observação dos elementos que estão a sua volta, o estudante começa a extrair informações para sua reflexão e posterior construção de conceitos e noções para o estudo do espaço geográfico. Portanto o Atlas Escolar municipal contribui com esse processo, pois retrata a realidade municipal, que é o espaço vivido pelo estudante. Seguindo este pensamento, Castellar (2015) esclarece que, ao ensinar Geografia, deve-se dar prioridade à construção dos conceitos pela ação do estudante e tomar como referência as suas observações do lugar de vivência, para que se formalizem conceitos geográficos por meio da linguagem cartográfica.

Ao trabalhar o ensino da Geografia com a alfabetização cartográfica, a partir da realidade do estudante, esse poderá refletir sobre sua ação. Dessa forma, as sugestões das atividades buscam trazer essas referências do local onde cada estudante reside, uma vez que esse constrói um mapa e, nele, representa o que consideravam importante em sua localidade, tanto no contexto ambiental, como cultural e econômico.

Mais uma vez, reforça-se a compreensão de que o Atlas Escolar Municipal é fundamental para o estudo do espaço local, porém é preciso que tenha uma linguagem adequada e própria para faixa etária a qual se trabalha. Sobre esse aspecto, Le Sann (2009, p. 144) afirma que,

São poucas as obras adequadas aos pequenos estudantes. Raramente, os professores desse nível de ensino receberam uma formação acadêmica que lhes possibilite entender e desenvolver trabalhos, utilizando um Atlas em sala de aula. É importante trabalhar com um Atlas escolar para entender a curiosidade natural do estudante. Sempre que a criança perguntar algo referente ao espaço e à localização, um Atlas a ser utilizado para responder à pergunta. Normalmente, as crianças gostam dos Atlas porque são coloridos, instigantes e convidam a sonhar e a imaginar lugares desconhecidos. Porém as convenções e legendas são complexas; na maioria dos casos, complexas demais e inadequadas a esse público.

Desse modo, é necessário que o professor esteja apoiado em orientações que lhes norteiam para um trabalho em sala de aula que propicie ao estudante a compreensão dos fundamentos da representação cartográfica, para então proceder com a utilização das mesmas para compreensão do espaço. O êxito no uso do atlas está diretamente ligado ao ensino do mapa e, apenas posteriormente, pelo mapa.

A partir da leitura dos mapas, tabelas, gráficos e textos é possível construir uma compreensão sólida do conteúdo estudado, na escala local, vinculado ao espaço de vivência do escolar. Assim, concorda-se com Bueno (2018, p. 81) em reconhecer que

Um dos preceitos básicos na elaboração dos atlas escolares municipais é de que as informações necessárias para o conhecimento geográfico, numa escala municipal, devem ser apresentadas de maneira simples utilizando-se uma linguagem adaptada aos estudantes de cada nível de ensino e pautadas nas demandas curriculares e regionais. Nos materiais disponíveis nas escolas, mais especificamente nos livros didáticos disponíveis, não é possível o acesso a esse conteúdo escolar uma vez que a proposta dos mesmos não é a escala local. (BUENO, 2018, p. 81).

Assim, o Atlas é proposto para que estudantes e professores possam desenvolver, em suas práticas e relacionamentos, o conhecimento local. Espera-se que os escolares sejam protagonistas e encontrem sentido em sua aprendizagem, tornando-se cidadãos conscientes, críticos e participativos, que consigam, a partir do olhar geográfico, identificar e almejar melhores condições de vida, e promovam alternativas para um melhor convívio social e um mundo mais sustentável.

Em sua essência, em virtude das possibilidades de leitura e interpretação das informações contidas no Atlas, nesse processo, é esperado que os estudantes já estejam minimamente alfabetizados cartograficamente, ademais, se o professor, durante o trabalho com o Atlas, perceber que ainda não foi iniciada anteriormente a alfabetização cartográfica em seus estudantes, como o material é de fácil compreensão, supõe-se que não haverá maiores dificuldades em seu exercício.

Para que a proposta do Atlas seja efetivamente alcançada, acredita-se que seja preciso integrar o raciocínio geográfico ao pensamento espacial, colaborando para a construção do processo de compreensão sobre o espaço local do estudante.

Com o referido material o professor terá melhores condições de trabalhar o ensino de Geografia, pois o estudante terá a possibilidade de aprender de forma ativa, construindo seus conceitos. Dessa forma por meio do Atlas possibilitara novos conhecimentos, como escala, coordenadas, medir distâncias, localizar diferentes

pontos no município, entre outros assuntos de interesse geral. A efetivação do Atlas Escolar Municipal, no ensino, está vinculada a vários aspectos, pois esse é um instrumento que irá ajudar o professor a orientar o estudante, de forma didática e dinâmica mostrando o espaço do município, o local de vivência desse estudante.

O Atlas é um instrumento que se inclui o saber geográfico e, por meio de mapas e cartas, que representam partes de um todo da sociedade. Assim o Atlas Escolar Municipal vem a ser um instrumento fundamental na aprendizagem dos estudantes, sendo ele um material complementar que ajuda o estudante a desenvolver noções de espaço e localização desenvolvendo dessa forma o raciocínio geográfico, processo cognitivo que pode ser desenvolvido nas aulas do Componente Curricular de Geografia quando se utiliza de estratégias pedagógicas a qual possibilita ao estudante a ter um papel ativo na construção dos conceitos como (espaço, território, paisagem) e os princípios lógicos (localização, delimitação, escala, arranjo, delimitação, rede, conexão, arranjo).

Compreende que o raciocínio geográfico, pensamento espacial essas expressões dizem respeito ao desenvolvimento do estudante por meio do ensino-aprendizagem dos conhecimentos geográficos no ensino de Geografia (SILVA, 2014). Para fazer a leitura do mundo em que vivem, com base nas aprendizagens em Geografia, os estudantes precisam ser estimulados a pensar espacialmente, desenvolvendo o raciocínio geográfico. O pensamento espacial associado ao desenvolvimento intelectual que integra conhecimentos não somente da Geografia, mas também de outras áreas. No qual envolve mudanças de escala, orientação e direção de objetos localizados na superfície terrestre, efeitos de distância, relações hierárquicas, tendências à centralização e à dispersão, efeitos da proximidade e vizinhança etc. (SANTOS, 2023, p. 05)

O raciocínio geográfico, uma maneira de exercitar o pensamento espacial, aplica determinados princípios para compreender aspectos fundamentais da realidade: a localização e a distribuição dos fatos e fenômenos na superfície terrestre, o ordenamento territorial, as conexões existentes entre componentes físico-naturais e as ações antrópicas. A grande contribuição do Atlas aos estudantes da Educação Básica compreende em desenvolver o pensamento espacial, estimulando o raciocínio geográfico para representar e interpretar o mundo em permanente transformação e relacionando componentes da sociedade e da natureza.

Para tanto, é necessário assegurar a apropriação de conceitos para o domínio do conhecimento geográfico. Ao utilizar corretamente os conceitos geográficos, mobilizando o pensamento espacial e aplicando procedimentos de pesquisa e análise das informações geográficas, os estudantes podem reconhecer a desigualdade dos usos dos recursos naturais pela população; o impacto da distribuição territorial em disputas geopolíticas e a desigualdade socioeconômica da população em diferentes contextos urbanos e rurais.

Desse modo, a aprendizagem da Geografia favorece o reconhecimento da diversidade étnico-racial e das diferenças dos grupos sociais, com base em princípios éticos (respeito à diversidade e combate ao preconceito e à violência de qualquer natureza). Santos (2023) coloca que essa também estimula a capacidade de empregar o raciocínio geográfico para pensar e resolver problemas gerados na vida cotidiana, condição fundamental para o desenvolvimento das competências gerais previstas na BNCC utilizando princípios do raciocínio geográfico: analogia, conexão, diferenciação, distribuição, extensão, localização e ordem. (SANTOS, 2023, p. 06)

A analogia um fenômeno geográfico sempre é comparável a outros. A identificação das semelhanças entre fenômenos geográficos é o início da compreensão da unidade terrestre. Já a conexão um fenômeno geográfico sempre é comparável a outros. A identificação das semelhanças entre fenômenos geográficos é o início da compreensão da unidade terrestre. A diferenciação é a variação dos fenômenos de interesse da geografia pela superfície terrestre (por exemplo, o clima), resultando na diferença entre áreas. Já a distribuição exprime como os objetos se repartem pelo espaço.

Em relação a extensão espaço finito e contínuo delimitado pela ocorrência do fenômeno geográfico. Localização posição particular de um objeto na superfície terrestre. A localização ser absoluta (definida por um sistema de coordenadas geográficas) ou relativa (expressa por meio de relações espaciais topológicas ou por interações espaciais). E por último a ordem ou arranjo espacial é o princípio geográfico de maior complexidade. Refere-se ao modo de estruturação do espaço de acordo com as regras da própria sociedade que o produziu.

Assim, o raciocínio geográfico possui papel importante no processo de ensino e aprendizagem dos conhecimentos geográficos escolares, afinal, serve como pressuposto para a afirmação de uma cultura, de um modo de pensar e de formas de agir e refletir no e com o espaço geográfico, modo esse específico da ciência

geográfica. O seu reconhecimento também contribui para o ensino das representações espaciais como forma de expressão e comunicação dos diversos saberes e conhecimentos produzidos a partir do trabalho do professor em sala de aula.

Conforme salienta Cavalcanti (2002), o desenvolvimento do raciocínio geográfico é também um processo que implica movimentos intelectuais e cognitivos, sendo papel do professor provocar situações, desencadear processos e utilizar mecanismos intelectuais requeridos pela aprendizagem. Entende-se que a atribuição de significados e a compreensão dos diversos assuntos abordados serão feitos a partir de referenciais muitas vezes fornecidos por esse profissional. Essa responsabilidade, segundo a autora, confere um desafio ao professor de refletir sobre seus objetivos de ensinar, para assim dar uma boa aula. Consequentemente, utilizar adequadamente os recursos didáticos na produção de conhecimento é de vital importância.

Neste sentido, destaca-se a importância do pensamento espacial para se atingir uma forma de raciocinar geograficamente os eventos e fenômenos de forma completa e analítica, para além do fato de estar presente nos documentos curriculares, a exemplo da BNCC. A maior relevância do pensamento espacial é compreender a sua essência enquanto um modo de olhar, analisar e viver o espaço.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

O princípio básico que guia todas as concepções dos Atlas Escolares Municipais é o fato de serem centrados no aprendizado do estudante. Portanto o espaço municipal é o objeto de estudo, porém, não é o objeto do Atlas. O objetivo principal é a construção de conceitos, saber-fazer (habilidades) e competências em Geografia, por parte do estudante. Assim o Atlas Escolar Municipal se apresenta como ferramenta didático pedagógico que possibilita uma abordagem diversificada das temáticas e dos métodos de ensinar e aprender Geografia, tendo a finalidade de trazer informações detalhadas e específicas de aspectos físico-naturais, sociais, políticos, econômicos, culturais e ambientais do município.

Dessa forma, o Atlas Escolar Municipal subsidiará a leitura e compreensão do espaço geográfico do estudante. Nesse sentido, espera-se que o estudante seja capaz de fazer uma leitura de mundo a partir de suas aprendizagens por meio do ensino de Geografia, desenvolvendo um pensamento espacial e um raciocínio geográfico

Porém, a sua eficiência não é garantida apenas pela existência do material, devendo ser considerados ambos agentes desse processo, o estudante, como agente ativo, e o docente, como mediador. Além disso, deve-se considerar a realidade dos estudantes, dos docentes e do currículo. Dessa forma, a proposta de produção de um Atlas Escolar Municipal representa um importante insumo ao processo de ensino e aprendizagem, especialmente voltado para a Educação Básica – mas que pode abranger outro público-alvo, como toda comunidade residente no município. A respeito ainda do escopo pedagógico, vale frisar que o Atlas Escolar Municipal está também pautado na Base Nacional Comum Curricular, com destaque para atender e contemplar as especificidades locais, do município do escolar, permitindo relações pedagógicas entre o conhecimento e a prática cotidiana dos estudantes.

A utilização de Atlas Escolar Municipal torna-se vital a aprendizagem de geografia, pois ele é capaz de subsidiar a discussão de vários temas além das categorias geográficas. Os mapas temáticos são capazes de vincular o espaço vivido dos estudantes e apresentar novos aspectos antes desconhecidos. Sua utilização deve ser iniciada nas séries iniciais do ensino fundamental, o que culminará em leituras e interpretações mais claras nos anos finais do ensino fundamental.

O Atlas Escolar Municipal pode ser trabalhado em sala de aula pelo professor, estimulando o pensamento crítico dos estudantes, acerca das realidades que os cercam. O conjunto de representação espacial desenvolvido pelo atlas possibilita identificar e analisar os mais variados fenômenos. As noções básicas de Geografia e Cartografia constituem-se num alto potencial formador do raciocínio lógico do indivíduo, porque aprender geografia não significa, simplesmente, memorizar nomes, mas, perceber, entender e apropriar-se do mundo em que está inserido. Conhecer a geografia de onde se vive é fundamental para o desenvolvimento de um povo.

Diante da análise realizada, notou-se no decorrer desse estudo que o Atlas Escolar Municipal veio a preencher uma lacuna existente, pois apresenta-se como uma excelente ferramenta didática para aprendizagem de geografia local, trazendo material bibliográfico sistematizado com um banco de dados atualizado e especializado, que o torna uma ferramenta a disposição do processo de ensino e aprendizagem, visto que utiliza de material atrativo.

O Atlas Escolar Municipal pode ser utilizado tanto na rede municipal quanto na rede estadual de ensino na disciplina de Geografia e áreas afins, pois caracteriza o município nos aspectos físicos, econômicos, políticos e sociais. Oferece ao professor a oportunidade de ensinar conceitos relacionados a Geografia que o estudante precisa conhecer assim, ampliar a compreensão do espaço, obtendo informações atuais do local de moradia para construir um conhecimento mais significativo. O Atlas Escolar Municipal é um recurso didático que contribuindo para que os estudantes do Ensino Fundamental I e II possam aprenderem os conteúdos de Geografia de forma criativa, e com isso ampliar o entendimento de seu município e de seu estado.

REFERÊNCIAS

- ABREU, P. R. **Conteúdos cartográficos na formação do professor de Geografia**. Recife: O autor, 2004.
- AGUIAR, L. M. B. **O lugar e o mapa**. Cadernos Cedes, Campinas, v. 23, n. 60, p. 139-148, 2013.
- AGUIAR, L. M. B. O exercício da imaginação geográfica e a cartografia escolar: Práticas educativas com mapas através de atlas escolares municipais. **Revista Geografares**, n. 12, p. 258-288, 2017.
- AGUIAR, V. T. B. de Os Atlas de geografia: peso na mochila do aluno. **Revista Geografia e Ensino** (Belo Horizonte), v.6, n.1, p.39-42, mar. 1997.
- ALMEIDA, R. D. **Atlas municipais elaborados por professores**: a experiência conjunta de Limeira, Rio Claro e Ipeúna. Cad. Cedes, Campinas, v. 23, n. 60, p. 149-168, 2003.
- ALMEIDA, R. D. **Do Desenho ao Mapa: iniciação cartográfica na escola**. São Paulo: Contexto, 2001. (caminhos da geografia)
- ALMEIDA, R.D. **Atlas municipais escolares: Integrando Universidade e Escola por meio de uma pesquisa em colaboração**. Rio Claro, 2001. Tese (livre-docência em Educação) - IB, UNESP.
- ALMEIDA, R. D. Desenvolvimento de Atlas municipais escolares. **Boletim de Geografia (Maringá)**, n.2, p. 139-143, 2001a.
- SAMPAIO, A. C. F.; SAMPAIO, A. A. M. A cartografia ensinada na educação básica: experiências de atlas geográfico escolar municipal. **Revista Brasileira de Cartografia**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 66, p. 921-929, jul./ago., 2014.
- ANTUNES, I. R.; NASCIMENTO, D. T. F. Estratégias didático-pedagógicas para o trabalho com o tema cerrado na educação básica por meio de plataformas de mapeamento colaborativo. In: José Falcão Sobrinho; Saulo Roberto de Oliveira Vital. (Org.). **Olhares sobre o ensino das temáticas físico-naturais**. 1ed.Fortaleza: Ed. Observatório do Semiárido, 2022, v. 1, p. 92-104.
- AZAMBUJA, L.D. de. O problema-tema e a situação geográfica propostos na BNCC e o ensino-aprendizagem da Geografia. **Signos Geográficos. Boletim NEPEG de Ensino de Geografia**, v. 2, p. 1-21-21-21, 2020.
- AZEVEDO, V. A. **Jogos eletrônicos e educação**: construindo um roteiro para sua análise pedagógica. 2012. 228 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Centro de Ciências da Educação, Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC, Florianópolis, 2012.
- BERVIAN, P. A.; CERVO, A. L.; SILVA, R. da. **Metodologia Científica**. Editora: Pearson Education do Brasil, 2007.

BUENO, M. A. **Atlas escolares municipais e a possibilidade de formação continuada de professores: um estudo de caso em Sena Madureira/AC**. Tese de Doutorado em Geociências. Universidade de Campinas. Instituto de Geociências. Programa de Pós-Graduação em Ensino e História das Ciências da Terra. Campinas, 2008.

BUENO, M. A. Atlas escolares municipais e sua proposta no âmbito das políticas curriculares educacionais: considerações iniciais. **Boletim Paulista de Geografia**, São Paulo, v.99, p.74-85, 2018.

BUENO, M. A. Os saberes docentes e o estudo do espaço local: uma experiência com atlas escolares municipais. **Revista do Programa de Pós-Graduação em Geografia UÁQUIRI - PPGGEO**, v. 1, n. 1, p. 118-128, ano 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufac.br/index.php/Uaquiri/article/view/3109>. Acesso em: 26 de set. 2022

BUENO, M. A., **O estudo do lugar e a fundamentação geográfica dos atlas escolares municipais no Brasil**. Anais do X Encontro de Geógrafos da América Latina – 20 a 26 de março – Universidade de São Paulo, 2005

BUENO, M. A.; BUQUE, S. L.; RADTKE, D. T. (Org.). **Relatos e vivências do intercâmbio Brasil Moçambique a partir de mapas e narrativas**. Goiânia: C&A Alfa Comunicação, 2021.

BUENO, M. A.; PINHEIRO, A. C. **Atlas escolar geográfico, histórico e cultural do Ipojuca**. Goiânia: Ed. C&A Alfa Comunicação, 2016.

BUENO, M. A.; SILVA, Karine, A. **Atlas escolar municipal de Trindade**. Goiânia; Ed. Cia Alfa Comunicação, 2013.

BUENO, M. A. **Atlas Escolar Municipal de Goianira**. Goiânia: Ed. Cia Alfa Comunicação, 2015.

BUENO, M. A. **Atlas Escolar Municipal de Senador Canedo**. Goiânia: Ed. Cia Alfa Comunicação, 2015.

BUENO, M. A. et.al. **Atlas Escolar Municipal de Goiânia**. Goiânia: Ed. Cia Alfa Comunicação, 2016.

BUENO, M. A. et.al. **Atlas Escolar Municipal de Anápolis**. Goiânia: Ed. Cia Alfa Comunicação, 2017.

BUENO, M. A. **Atlas Escolar Municipal de Campos Verdes**. Goiânia: Ed. Cia Alfa Comunicação, 2018.

BUENO, M. A.; CURADO, João, G. T. **Atlas Escolar Municipal de Pirenópolis**. Goiânia: Ed. Cia Alfa Comunicação, 2018.

BUENO, M. A.; RIGONATO, A. C. **Atlas escolar municipal de Bom Jesus da Lapa**. Goiânia: Ed. C&A Alfa Comunicação, 2016.

BUENO, M. A.; RIBEIRO, R. L. **Atlas escolar geográfico, histórico e cultural do Estado do Tocantins**. Goiânia: Ed. C&A Alfa Comunicação, 2015.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular – Ensino Fundamental**. Brasília, 2018.

BRITO, J. L. S.; LIMA, E. F. **Atlas Escolar de Uberlândia**. 3. ed. Uberlândia: EDUFU, 2020

BROEK, J. O.M. **Iniciação ao estudo da Geografia**. 3. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

CALLAI, H. C. A articulação teoria-prática na formação do professor de geografia. In: SILVA, A. M. et al.,. **Educação formal e não formal, processos formativos e saberes pedagógicos: desafios para inclusão social**. Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino. Recife: ENDIPE, 2006.

CALLAI, H. C. Estudar o lugar para compreender o mundo. In: CASTROGIOVANNI, Antônio Carlos et al. (Org.). **Ensino de geografia: práticas e textualizações no cotidiano**. 12. ed. Porto Alegre: Mediação, 2017. p. 71-114.

CALLAI, H. C. Aprendendo A ler o mundo: a geografia nos anos iniciais do ensino fundamental. In: **Educação Geográfica e as teorias de aprendizagens. Caderno CEDES 66**. Campinas, vol 25, n.66, maio/ago. 2005. p. 227-247

CALLAI, H. C. O estudo do município ou a Geografia nas séries iniciais. In: CASTROGIOVANNI, Antônio Carlos, et all. **Geografia em sala de aula: práticas e reflexões**. 4ª ed. Porto Alegre: UFRGS, 2003.

CASTELLAR, S. M. V.; DE PAULA, I. R. O papel do pensamento espacial na construção do raciocínio geográfico. **Revista Brasileira De Educação Em Geografia**, v. 10, n. 19, p. 294–322, 2020.

CASTELLO, L. **A percepção de lugar: repensando o conceito de lugar em arquitetura-urbanismo**. Porto Alegre: PROPAR-UFRGS, 2007.

CASTRO, I. E. de. O problema da escala. In: CASTRO, Iná Elias de; GOMES, Paulo Cesar da Costa; CORRÊA, Roberto Lobato (orgs.). **Geografia: Conceitos e temas**. 13. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

CASTROGIOVANNI, A. C. et al.(org.) **Ensino de Geografia: práticas e textualizações no cotidiano**. Porto Alegre: Mediação, 2000.

CORRÊA, R. L. **Caminhos paralelos e entrecruzados**. 1 ed. São Paulo: UNESP. 2018.

DUARTE, R. G. **Educação Geográfica, Cartografia Escolar e Pensamento Espacial no segundo segmento do ensino fundamental**. 2016. Tese (Doutorado em Geografia). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.

DUARTE, R. G. A linguagem cartográfica como suporte ao desenvolvimento do pensamento espacial dos estudantes da educação básica. **Revista Brasileira de Educação em Geografia**, Campinas, v. 7, n. 13, p. 187-206, jan./jun., 2017.

FERRANTE, M. R.; TORRES, E. C. **O Atlas Enquanto Ferramenta Para um Saber Geográfico**. ISBN, v.1, p. 6-7, 2013.

FERREIRA, G. M. L.; MARTINELLI, M. Os atlas geográficos para crianças: a alfabetização de sua linguagem. **Revista Geografia e Ensino. Belo Horizonte**, v.6, n.1, p.35-39, mar. 2017.

FELBEQUE, R. Atlas escolares: uma análise das propostas teórico-metodológicas. **Boletim de Geografia** (Maringá), n.2, p.36-41. 2001. Rio Claro, 2005. Tese (doutorado em Geografia) – IGCE, UNESP.

FORTUNA, Â. M. N. **Produção didático-pedagógica: o uso dos jogos eletrônicos educacionais para o processo de ensino e aprendizagem**. Petrópolis: Vozes, 2017.

FLUSSER, V. **O mundo codificado: por uma filosofia do design e da comunicação**. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

FRANÇA JUNIOR, P.; ZUCCHI, V. P. **A construção do atlas municipal de Cambira/PR: para o ensino e a aprendizagem geográfica do lugar**. *Geografia Ensino & Pesquisa*, Santa Maria, v. 17, n. 1, p. 161-171, 2013.

GIRARDI, E. P. **Proposição teórico-metodológica de uma Cartografia Geográfica Crítica e sua aplicação no desenvolvimento do Atlas da Questão Agrária Brasileira**. 2018. Tese (Doutorado em Geografia) – Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, 2018.

HOLZER, W. **A influência de Eric Dardel na construção da geografia humanista norte americana**. in: *Anais XVI Encontro Nacional dos Geógrafos Crise, práxis e autonomia: espaços de resistência e de esperanças*. Porto Alegre, 2010.

HONDA, J. D. S. Políticas curriculares e atlas escolares municipais: contribuição para o estudo do lugar. Dissertação de Mestrado de Geografia. Universidade Federal de Goiás. Instituto de Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Geografia, 2017.

JENKINS, H. **Cultura da convergência**. Tradução de Susana L. de Alexandria. 2. ed. São Paulo: Aleph, 2018.

JO, I.; BEDNARZ, S. W. Evaluating geography textbook questions from a spatial perspective: Using concepts of space, tools of representation, and cognitive processes to evaluate spatiality. **Journal of Geography**, v. 108., 2009, p. 4–13.

KENSKI, V. M. **Educação e tecnologias: o novo ritmo da informação**. Campinas, SP: Papirus, 2017

KOZEL, S. Mapas mentais – uma forma de linguagem: perspectivas metodológicas. In: KOZEL, S; SILVA, J. C; GIL FILHO, S. F. **Da percepção a Cognição a representação: reconstruções teóricas da Geografia Cultural e Humanística**. São Paulo: Terceira Margem, 2007.

LASTÓRIA, A. C. **A cartografia escolar e a concepção de atlas escolar municipal**. Dialogus, Ribeirão Preto, v. 3, n. 1, p. 111-125, 2007

LASTORIA, A. C. **A construção coletiva do atlas escolar do município de Ribeirão Preto**. Dialogus, v. 4, n. 1, p.125-140, 2008.

LASTORIA, A. C. (org.) **Atlas Escolar Histórico, Geográfico e Ambiental de Ribeirão Preto**. Ribeirão Preto: FFCLRP/USP, 2008

LE SANN, J. G. **Elaborando um atlas municipal**. Presença Pedagógica, Belo Horizonte, v. 3, n.maio/junho, p. 47-55, 1995.

LE SANN, J. G. Dar o peixe ou ensinar a pescar? Do papel do atlas no ensino fundamental. **Revista Geografia e Ensino, Belo Horizonte**, v. 6, n. 1, p.31-34, mar. 2007.

LE SANN, J.G. **Do lápis à internet**: reflexões sobre mudanças teórico-metodológicas na elaboração de Atlas escolares municipais. Boletim de Geografia (Maringá), n.2, p.130-138. 2001

LE SANN, J.G. Do lápis à internet: reflexões sobre mudanças teórico-metodológicas na elaboração de Atlas escolares municipais. **Boletim de Geografia** (Maringá), n.2, p.130-138. 2001.

LE SANN, J. G. Do lápis à internet: reflexões sobre mudanças teórico-metodológicas na elaboração de atlas escolares municipais. **Boletim de Geografia**, Maringá, v.19, n.2, p.130- 138, 2001.

LE SANN, J. G. **Geografia no ensino fundamental I**. Belo Horizonte: Fino Traço, 2009.

LIMA, E. F.; BRITO, J. L. S.; BRABO, V. F. de C.; OLIVEIRA, L. F. M. de. Elaboração do Atlas Escolar de Uberlândia. Em extensão, v. 6, p. 71-80, 2007.

LIMA, A. S. **Atlas escolar De Sumaré (SP)**: os saberes produzidos nas práticas pedagógicas cotidianas de uma professora do 4º ano do ensino fundamental. 2013. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Campus de Rio Claro, Rio Claro, 2013.

LISBOA, S. S. **A importância dos conceitos da geografia para a aprendizagem de conteúdos geográficos escolares.** CEP, v. 36570, n. 000, 2007.

LOCH, R. N. **Cartografia: representação, comunicação e visualização de dados espaciais.** Santa Catarina: Ed. da UFSC, 2016.

LUDKE, P. A. **A Pesquisa em Educação: Abordagens Qualitativas.** São Paulo: EDP, 2016

MACHADO-HESS, E. S. **Uma proposta metodológica para a elaboração de atlas geográficos escolares para os anos iniciais do ensino fundamental:** o exemplo do município de Sorocaba/SP. 2016. Tese (Doutorado em Geografia Humana) – Faculdade de Filosofia, Letras e Geografia Humana, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.

MARCONI, M. de A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos da Metodologia Científica.** 8. Edição. São Paulo: Atlas, 2019

MARTINELLI, M. **Um atlas geográfico escolar para o ensino-aprendizagem da realidade natural e social.** Portal da Cartografia, Londrina, v. 1, n. 1, p. 21-34, 2018.

MARTINELLI, M.; GRAÇA, A. J. S. Cartografia temática: uma breve história repleta de inovações. **Revista Brasileira de Cartografia**, v. 67, n. 4, p. 913–928, 2015. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/revistabrasileiracartografia/article/view/49128>. Acesso em 27, set. 2023.

MELO, I. B. N. Atlas escolar de Mairinque/SP - geográfico e histórico. **Ciência Geográfica**, Bauru, v.25, n.5, p.2157-2171, jan./dez. 2021.

MEURER, A. C. (org) et.al. **As categorias e as Geografias do século XXI** [recurso eletrônico] - São Paulo: FFLCH/USP, 2021.

MOREIRA, D. **Paisagens, lugares e Espaços: A Geografia no Ensino Básico.** **Boletim Paulista de Geografia**, São Paulo, n. 79, p. 9-21, 2007.

NASCIMENTO, D. T. F. Propostas de mapeamentos colaborativos como estratégias para o ensino de Geografia. **Geosaberes revista de estudos geoeseducacionais**, v. 10, p. 49-61, 2019.

NASCIMENTO, D. T. F.; ANTUNES, I. R.; LIMA, G. O. Sistema IBGE de Recuperação Automática de Dados: orientações para uso e o ensino-aprendizagem em geografia. **Revista De Geografia (RECIFE)**, v. 39, p. 172-193, 2022.

NASCIMENTO, D. T. F.; BUENO, M. A. Proposta interinstitucional para a elaboração de atlas escolares de municípios do interior do estado de goiás. In: I Encontro Internacional de Cartografia Escolar e Pensamento Espacial e X Colóquio de Cartografia para Crianças e Escolares, 2018, São Paulo. Anais. São Paulo: USP, 2018. v. 1. p. 289-297.

NASCIMENTO, D. T. F.; SILVA, L. do C. da. Apontamentos acerca da concepção, elaboração e utilização de mapas em atlas escolares municipais. IN: BUENO, M. A.; BUQUE, S. L.; RADTKE, D. T. (Orgs.). Relatos e vivências do intercâmbio Brasil Moçambique a partir de mapas e narrativas. Goiânia: C&A Alfa Comunicação, 2021. Cap. 5, p. 89-113. Disponível em: https://cdn.shopify.com/s/files/1/0490/1715/9829/files/Brasil_Mocambique.pdf?v=1633717118.

OLIVEIRA, I. J.; NASCIMENTO, D. T. F. As geotecnologias e o ensino de cartografia nas escolas: potencialidades e restrições. **Revista Brasileira De Educação Em Geografia**, v. 7, p. 158-172, 2017.

OLIVEIRA, L. **Estudo metodológico e cognitivo do mapa e a Cartografia escolar**. São Paulo: Contexto, 2018.

PEREIRA, D. S.; SAMPAIO, A. C. F.; SAMPAIO, A. A. M. **Atlas geográfico escolar de Sacramento – MG**. Uberaba: UFTM, 2013.

PACHECO, F. **Atlas municipal escolar – Construção metodológico: geográfico, histórico, ambiental**. São Paulo: UNESP, 2021

PITANO, S. C.; NOAL, R. E.; ROMIG, K. K. A elaboração participativa do atlas geográfico escolar de Arroio do Padre/RS e sua atuação extensionista. **Expressa Extensão**. Pelotas, v.25, n.1, p.17-27, jan./abr. 2020.

RELPH, E. **As bases fenomenológicas da geografia**. Geografia, Rio Claro, v. 04, n. 07, p. 01- 25, 1979

RICHTER, D. **O mapa mental no ensino de geografia**: concepções e propostas para o trabalho docente. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2011.

RODRIGUES, K. **O conceito de lugar: A aproximação da geografia com o indivíduo**. XI Encontro Nacional da ANPEGE, São Paulo. 2015

ROMIG, K. L.; PITANO, S. de C. O Atlas Geográfico Municipal como Recurso Didático no Ensino de Geografia: elaboração e perspectivas formativas. **GEOGRAFIA (Londrina)**, v. 29, n. 2, p. 241–260, 2020. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/geografia/article/view/37460>. Acesso em: 28 jul. 2023.

SANCHEZ, S. **Instrumentos da pesquisa**. Disponível em: <http://www.ia.ufrj.br/ppgea/conteudo/T2->. Acesso em: 02 ago. 2022.

SANTOS, N. B. F. dos.; NASCIMENTO, D. T. F.; BUENO, M. A. **Atlas escolar geográfico, histórico e cultural do estado de Goiás**. Goiânia: C&A Alfa Comunicação, 2016.

SANTOS, M. G. M.; GUEDES, J. A. O Atlas escolar municipal de São Rafael-RN: processo de elaboração e importância para o ensino de Geografia. *Revista Ensino de Geografia*, Uberlândia, v.10, n.19, p.145-165, jul./dez. 2019.

SANTOS, M. **A natureza do espaço: Técnica e Tempo. Razão e Emoção**. 4. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2012.

SANTOS, Nicali, F.; NASCIMENTO, Diego. T. F.; BUENO, M. A. **Atlas Escolar Geográfico, Histórico e Cultural do Estado de Goiás**. Goiânia: Ed. Cia Alfa Comunicação, 2016.

SANTOS, M. **Da totalidade ao lugar**. São Paulo: Edusp, 2005.

SANTOS, M. G. M.; GUEDES, J. A. O Atlas escolar municipal de São Rafael-RN: processo de elaboração e importância para o ensino de Geografia. **Revista Ensino de Geografia**, Uberlândia, v.10, n.19, p.145-165, jul./dez. 2019.

SANTOS, E. O. dos. Raciocínio geográfico: reflexões e possibilidades a partir da BNCC. **Signos Geográficos** - Boletim NEPEG Ensino de Geografia, Goiânia-GO, V.5, 2023

SILVA, K. R. S. **A construção do atlas escolar geográfico como proposta para o ensino de Geografia**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Geografia). Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará. Departamento de Geografia. Marabá, 2019.

SILVA, M.A.B. da. **O Atlas escolar municipal de Sena Madureira – AC**. Boletim de Geografia, (Maringá) n.2, p. 151-156. 2001

SILVA, L. do C. da. O debate sobre escala geográfica à escolarização básica. **Revista Sapiência: sociedade, saberes e práticas educacionais**, Iporá, v.8, n.3, p. 48-70, Jul./dez., 2019.

SILVA, L. do C. da; NASCIMENTO, D. T. F. O lugar da Cartografia à luz das novas orientações da Base Nacional Comum Curricular. IN: COLÓQUIO DE CARTOGRAFIA PARA CRIANÇAS E ESCOLARES E ENCONTRO INTERNACIONAL DE

SILVA, L. do C. da; NASCIMENTO, D. T. F.; FABRICIO, L. V. Possibilidades de construção de conhecimento geográfico a partir do uso da Plataforma de mapeamento colaborativo Google My Maps. **Revista Brasileira De Educação Em Geografia**, v. 12, p. 05-31, 2022.

SILVA, M. A. B. da. **O atlas escolar municipal de Sena Madureira-AC**. Boletim de Geografia, n. 19, v. 2, p. 130-172, 2001.

SILVA, A. D. B. **Sistema de Informações Geo-referenciadas: conceitos e fundamentos**. Campinas: UNICAMP, 2003.

SILVA, P. A. **O raciocínio geográfico**: mobilizações intelectuais na interpretação de situações geográficas. 129 p. Tese (Doutorado) - Curso do Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2021. Disponível em <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/39065>. Acesso em janeiro de 2023.

SOUZA, J. G. De. **Geografia e conhecimentos cartográficos**. A cartografia no movimento de renovação da geografia brasileira e a importância do uso de mapas. São Paulo: Editora UNESP, 2001.

SOUZA, J. V. R.; PEZZATO, J. P.; COSTA, C. F. Os atlas no ensino de Geografia: o estado do conhecimento no Brasil neste início de século (2001 –2020). **Ciência Geográfica**, Bauru, v.25, n.5, p.2172-2199, jan./dez. 2021

SOUZA, M. L. de. **Os conceitos fundamentais da pesquisa sócio-espacial**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.

SUESS, R. C.; DE CARVALHO SOBRINHO, H.; DE ALMEIDA, S. A. **Abordagem e perspectivas do conceito lugar em livros didáticos de geografia do 6º ano do ensino fundamental**. São Paulo: Hucitec, 2013.

TOLEDO, F. dos S. (Org.). **Geografia no Século XXI** - Volume 2/ Belo Horizonte - MG: Poisson, 2019 Disponível em: https://www.poisson.com.br/livros/geografia/seculo/volume2/GeoSec_vol2.pdf. Acesso em: 05 de set. 2022

TUAN, Y-F. **Topofilia um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. DIFEL, 1980.

TUAN, Y-F. **Lugar: uma perspectiva experiencial / Place: an experiential perspective**. **Geograficidade**, v. 8, n. 1, p 4-15, 2018. Traduzido por Márcia Manir Miguel Feitosa e Renata França Pereira com a colaboração de Millena Portela, Tércila Duarte e Ubiratam Barros do original em inglês. <https://doi.org/10.22409/geograficidade2018.81.a27150>. Acesso em: 12 de nov. 2023

VALENTE, J. A. (org). **O computador na Sociedade do Conhecimento**. Campinas, SP: UNICAMP/NIED, 2017

ZANETTE, M. S. Pesquisa qualitativa no contexto da Educação no Brasil. **Educar em Revista**, Curitiba, n. 65 p. 149-166, jul-set, 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/er/a/9GBmR7D7z6DDv7zKkrndSDs/?lang=pt&format=pdf>. Acesso: 09 nov. 2023